

NORA LUCÍA FRAGALÁ DE PIZZANELLI .

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação Letras / Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

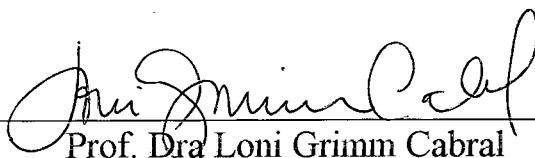
Orientadora : Profa. Dra Maria Cristina F. Silva

Florianópolis
Dezembro - 1998

**OS PRONOMES CLÍTICOS EM DUAS VARIANTES DE
LÍNGUAS ROMÂNICAS: O PORTUGUÊS DO BRASIL E O
ESPAÑHOL DO RÍO DE LA PLATA.**

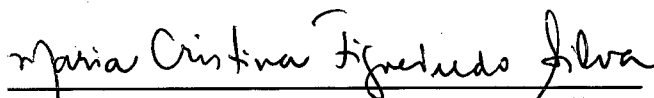
NORA LUCÍA FRAGALÁ DE PIZZANELLI

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina.



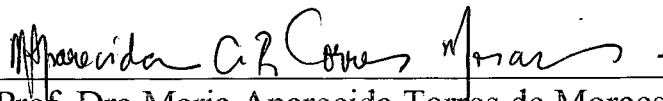
Prof. Dra Loni Grimm Cabral
Coordenadora do CPGLL

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra Maria Cristina Figueiredo Silva
(Orientadora)

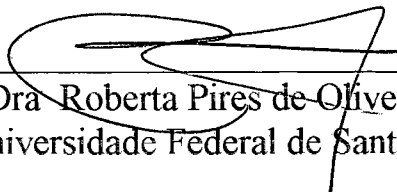
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra Maria Aparecida Torres de Moraes
Universidade de São Paulo



Prof. Dr Carlos Mioto
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra Roberta Pires de Oliveira (Suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

À profa. Maria Cristina, por sua ajuda incondicional, sua paciência, seu interesse e sua orientação firme e segura.

Aos meus familiares e amigos distantes que me apoiaram e me fortaleceram a pesar da distância.

Às minhas colegas Iara, Denise e Fátima por suas forças.

A Pablo....

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as propriedades dos Clíticos em duas variedades românicas: o português do Brasil e o espanhol do Río de la Plata, com a finalidade de fazer uma comparação em relação ao sistema de clíticos e à colocação dos mesmos nessas variedades

Levantam-se primeiramente, as características gerais daqueles elementos e em uma segunda instância, as características particulares de cada uma das variedades estudadas..

Constata-se um empobrecimento nos Clíticos do português do Brasil, diferença de colocação segundo a classe de Cls usados ([+ e] / [- e]), embora a próclise esteja generalizada em sentenças raízes, subordinadas e imperativas tanto em sentenças com um só verbo quanto em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes excepto com Cl [- e].

Por outra parte, também se consta um sistema de Clíticos completo no espanhol do Río de la Plata, sem diferença em relação à classe do Cl, com uso generalizado da próclise tanto em sentenças raízes, quanto subordinadas, com um só verbo finito ou dois ou mais verbos adjacentes e a ênclise restrita às forma de imperativo afirmativo e a qualquer uso das formas não-finitas de gerúndio e infinitivo.

Para a bordagem destas questões, buscou-se apoio nas análises realizadas por Sportiche (1992), Belletti (1995), Rizzi (1993), Uruagereka (1995) Schmitt (1994) e nas interpretações deles feitas por Silveira (1997) e Groppi (1997).

ÍNDICE

RESUMO.....	1
INTRODUÇÃO.....	1

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. Clíticos: Propriedades e colocação.....	2
2. Histórico do estudo dos Clíticos.....	5

SEGUNDO CAPÍTULO

Características específicas..

PRIMEIRA PARTE

1. O sistema e a distribuição dos Cls no PB.....	16
1. 1 Sistema.....	16
1. 2 Cls e formas alternativas em contextos com Marcação de Caso Excepcional (ECM).....	20
2. Colocação.....	22
2. 1. A posição do Cl com um só verbo.....	22
2. 1. 1 A posição do Cl com um só verbo finito.....	22
2. 1. 2 A posição do Cl com um só verbo não finito.....	24
2. 2 A posição do Cl com dois ou mais verbos adjacentes.....	25
2. 2. 1 A posição do Cl com rima [+ e] e o último verbo no infinitivo.....	26
2. 2. 2 A posição do Cl com rima [+ e] no gerúndio ou no particípio.....	27
2. 2. 3 A posição do Cl com dois ou mais verbos em senten- ças subordinadas nos Modos Indicativo e Subjuntivo...	
2. 3 A posição do Cl com rima [- e] em sentenças com..... dois ou mais verbos adjacentes.....	30
2. 4 O particípio passivo e os Cls.....	31

SEGUNDA PARTE

2. O sistema e a colocação dos Cls no ERP.....	33
2. 1 Sistema dos Cls no ERP.....	33
2. 2 Colocação dos Cls no ERP.....	40
2. 3 Construções com redobrimento de Cls.....	42
2. 3. 1 Características das construções com redobrimento	

de Cls no espanhol.....	43
-------------------------	----

TERCEIRO CAPÍTULO

PRIMEIRA PARTE

1. Análise para os Cls no PB.....	50
1.1 Natureza do Cl	50
1.2 O movimento e a posição de pouso dos Cls.....	52
1.3 A ordem dos Cls.....	56
1.3.1 Próclise.....	56
1.3.1.1 Próclise nas orações com um só verbo finito.....	56
1.3.1.2 Próclise nas orações com dois ou mais verbos adjacentes.....	58
1.3.1.3 Contextos impróprios para próclise.....	59
1.3.2 Ênclise.....	60
1.4 Impossibilidade de dois verbos ocorrerem em uma mesma sentença.....	61
1.5 Conclusão.....	62

SEGUNDA PARTE

2. Análise para os Cls no ERP.....	61
2.1 Estructura e movimento.....	64
2.2 Construções com redobrimento de Cls.....	66
2.3 Hipóteses sobre próclise e ênclise.....	70
2.4 Ênclise e Modo Imperativo.....	74
2.5 Clitic Climbing	75
2.6 Clitics Clusters	79

4. CONCLUSÃO.....	83
-------------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	86
-------------------	----

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho mostra o comportamento sintático bem diferenciado de duas variedades românicas (o português do Brasil e o espanhol do Rio da Prata) no que diz respeito aos clíticos complementos. As características desses elementos, espécies de núcleos unidos ao verbo, sempre átonos, variam de língua para língua e, ainda, dentro das variantes das mesmas línguas. Desse modo, existem diferenças substanciais entre a língua portuguesa falada no Brasil (doravante PB) e a língua espanhola falada nos países do Rio da Prata (doravante ERP) relacionadas com os clíticos (que doravante serão abreviados por Cl)

Enquanto no PB a colocação dos clíticos é preferencialmente proclítica ao verbo, tanto no finito quanto no infinitivo, no ERP só nos tempos finitos há colocação proclítica desses elementos, pois o Modo Imperativo e as formas nominais de gerúndio e infinitivo exigem ênclise .

Adicionalmente, o sistema de Cls no PB apresenta-se empobrecido, como constataam os trabalhos de Duarte (1986), Pagotto (1992), Cyrino (1993), Luize (1997) entre outros, enquanto o ERP apresenta um paradigma completo de Cls.

Este trabalho está organizado da seguinte forma :

o primeiro capítulo focaliza as propriedades e a distribuição geral dos Cls.

O segundo capítulo aponta as características específicas dos Cls nas duas variedades românicas analisadas. Divide-se em duas partes: a primeira, ocupa-se do sistema e da colocação dos Cls no PB, enquanto a segunda parte discute o sistema e a colocação dos Cls no ERP.

O terceiro capítulo, também dividido em duas partes, apresenta as análises para os Cls, tanto no PB quanto no ERP .

Finalmente, um breve resumo dos principais pontos abordados faz as vezes de conclusão final do trabalho.

As observações metodológicas gerais serão feitas a partir de Haegeman (1994), Múgica e Solana (1989) e Raposo (1992). Os exemplos do PB, em grande parte, serão de Silveira (1997) e do ERP de Schmitt (1996) e meus próprios, falante nativa da língua trabalhada.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. CLÍTICOS : propriedades e colocação.

Um dos fenômenos que mais chama a atenção no que respeita à sintaxe das línguas românicas é a existência de um elemento que, podendo valer por um argumento de um verbo, ocupa uma posição que não é própria de um argumento do verbo. Esses elementos são os Clíticos.

Segundo Silveira (1997), citando Kayne (1975) citado por Cardinaletti & Starke (1994) e outros, os Cls têm as seguintes propriedades gerais :

a) Um Cl jamais ocorre em posição argumental

- 1 . a . O João beijou carinhosamente a **Maria**.
- b . O João beijou carinhosamente **ela** .
- c . * O João beijou carinhosamente **me** .

Tanto um DP lexical como *a Maria* quanto o pronome *ela* podem ocorrer em posição argumental de complemento do verbo, enquanto o Cl não pode permanecer na posição canônica de complemento, cf. (1 c). Ou seja, o Cl não pode de maneira alguma ocupar a mesma posição que ocupa *a Maria* ou *ela* .

A mesma impossibilidade aparece em (2), a seguir, onde o que está em foco é a posição A de sujeito.

- 2 . a . **O João** carinhosamente beijou a Maria.
- b . **Ele** carinhosamente beijou a Maria.
- c . * **Se** carinhosamente beijou a Maria.

Por outro lado, é possível mostrar que a posição que ocupa o Cl não é apropriada nem para um DP lexical nem para um pronome, como mostram os exemplos em (3), a seguir :

- 3 . a . O João carinhosamente **me** beijou.
 b . * O João carinhosamente **a Maria**
 c . * O João carinhosamente **ela** beijou.

Ou seja, nome ou pronome, de fato, não podem ocupar a posição ocupada pelo CI em (3 a) .

Embora o CI, o DP lexical e o pronome recebam o mesmo papel temático atribuído pelo verbo *beijar*, ou seja todos tenham a mesma função, eles não se distribuem da mesma maneira. A distribuição do CI é muito limitada necessitando sempre de um verbo ao qual se incorporar.

b) O Clítico não pode ocorrer em posição de adjunto

Observe as sentenças em (4):

- 4 . a . **A Maria** , o João beijou carinhosamente
 b . **Ela** , o João beijou carinhosamente.
 c . * **Me**, o João beijou carinhosamente.

O DP lexical *a Maria* e o pronome *ela*, os dois sendo argumentos internos do verbo *beijar* em (4 a) e (4 b) respectivamente, são adjungidos à esquerda de IP em uma posição não-argumental; porém, o CI, como mostra (4 c), não pode ocorrer em tal posição.

c) Um Clítico não pode ocorrer como item isolado

Enquanto um DP lexical (5 a) e um pronome (5 b) podem ocorrer isoladamente, o CI não pode fazê-lo independentemente de uma base verbal (5 c):

- 5 . a . Quem é inteligente ?
A Maria.

- b. Quem é inteligente ?
Ele / ela .
- c. Quem o João viu ?
*** Me .**

d) Um Cl não pode ser coordenado

Dois DP lexicais, dois pronomes ou um DP lexical e um pronome podem ser coordenados. Todavia, dois Cls não podem sê-lo, da mesma forma que não é possível a coordenação de um Cl e um DP, nem de um Cl e um pronome.

- 6 . a . * Ele **me** e **te** emprestou o passe escolar.
- b . * Ele emprestou-**me** e para **a Maria** o passe escolar.
- c . * Ele emprestou-**me** e para **ele** o passe escolar.
- d . Viu **eu** e **ele**.
- e . * Viu **João** e **ele**
- f . * Viu-**o** e **me** .

e) O Cl não pode receber acento contrastivo

O Cl não pode receber um acento independente. Os exemplos em (7), a seguir, apresentam a diferença entre clíticos e pronomes tônicos com respeito à acentuação contrastiva com interpretação focalizada:

- 7 . a . * Ele **ME** emprestou o passe escolar e não **TE** emprestou.
- b . Ele emprestou o passe **PARA MIM** e não **PARA VOCÊ**.
- c . * Ele **ME** viu e não **TE** viu .
- d . Ele viu **EU (A MIM)** e não **VOCÊ**.

MIM, *EU* e *VOCÊ* podem ser acentuados. Porém, os Cls não podem ter acento próprio. O fato de serem acentuados produz a agramaticalidade de (7 a) e (7 c).

f) O Cl é um núcleo, em contraposição ao DP e ao pronome, que não o são

Através da descrição acima apresentada em (1)-(5), foi possível observar que os Cls estão em distribuição complementar com os DPs e os pronomes. Eles se comportam de forma diferente dos DPs lexicais e pronomes. Em uma oração, um Cl não aparece em posição de argumento. Esse comportamento indica que “o Cl deve ser um núcleo (cf. Kayne, 1991) e faz parte de um complexo de núcleos incorporados” (Silveira, 1997).

Essas características fazem dele um elemento especial: podendo corresponder a um argumento de um verbo, não pode ocorrer em posição própria do argumento do verbo.

Ele necessita ter apoio de uma base verbal, propriedade que o faz diferente de um DP lexical ou de um pronome.

Fonologicamente, o Cl não pode ter acento independente, o que se pode interpretar como resultado de um processo sintático de incorporação de núcleos.

Uma outra propriedade que caracteriza a sintaxe dos Cls é que eles podem ocorrer em posições pré ou pós-verbais, dependendo esta colocação da língua ou variedade lingüística a que pertençam.

2. HISTÓRICO DO ESTUDO DOS CLÍTICOS

Não existe uniformidade de análise no que respeita aos Cls. Uma vez que devem ser encaradas tanto as características próprias em cada língua quanto, em se tratando de elementos da GU, também aquilo que se adapta às características gerais de todas as línguas. Essa análise, portanto, não é uniforme já que os Cls têm comportamentos diferentes. Porém, assume-se que os Cls são uniformes abstraindo-se as diferenças lexicais.

No modelo da Gramática Gerativa, Sportiche (1992) apresenta diferentes abordagens propostas na literatura para as questões dos clíticos:

- a) uma abordagem lexical
- b) uma abordagem sintática

A abordagem lexical encara o Cl como sendo um afixo que modifica a entrada lexical de algum predicado, como pode ser observado nos exemplos em (8), a seguir :

- 8 . a . João [leu o livro] .
- b . João [o leu] .

O verbo ler em (8 a) é considerado um verbo transitivo, mas o ler ou lê-lo em (8 b) é considerado um verbo intransitivo .

Porém, a existência de casos nos quais o Cl aparece junto do verbo, do qual seria supostamente um afixo não acontece, como os apresentados em (9): faz supor a conexão com algum mecanismo sintático que lhe assegure a subida a seu próprio lugar (sobre o verbo mais alto da sua oração no caso do francês)

- 9 . a . Jean croit Pierre malade.
(Jean crê que Pierre está doente.)
- b . Jean le croit malade.
(Jean o crê doente.)
- 10 . a . Jean croit Pierre capable de tout.
(Jean crê Pierre capaz de tudo.)
- b . Jean en croit Pierre capable.
(Jean Cl crê Pierre capaz.)
- 11 . a . Jean veut manger la pomme.
(Jean quer comer a maçã.)
- b . Jean la veut manger. (Possível em francês antigo)
(Jean a quer comer.)
- 12 . a . Jean a peint la cheminée de l' usine.
(Jean pintou a chaminé da fábrica.)
- b . Jean en a peint la cheminée.
(Jean Cl pintou a chaminé)

nas quais a relação mantida é com a AP em (9), subcategorizado pelo predicado e aparecendo como um argumento do adjetivo como em (10), relacionando-se com o verbo da oração encaixada como em (11) ou com o núcleo do DP objeto como em (12).

Para uma abordagem sintática, por outro lado, o Cl está na posição do argumento representado sintaticamente pelo sintagma XP*, gerado na sua posição usual de argumento, posição esta a ele associada.

As construções com Cls podem ser representadas como em (13), abaixo:

13 . Cl_i.....[YXP*_i]

Nesta abordagem, podem ser feitas duas análises diferentes da posição do Cl na oração:

- a) uma análise de geração na base.
- b) uma análise de movimento.

De acordo com a análise de geração na base, o Cl é gerado na estrutura D na sua posição de estrutura-S, isto é, do lado do verbo ou do auxiliar. XP* pode ser analisado como pro ou PRO¹ de alguma forma relacionado com o Cl. Uma construção com ele pode, então, tomar uma das formas abaixo:

14 . Cl_i V XP_i
 pro
 ou
 PRO

As construções com dativos éticos em (15) ou com clíticos inerentes em (16) são bons exemplos para ilustrar as construções

¹ A possibilidade de ser XP ser analisado como PRO aparece em Jaeggli (1982) mas hoje em dia já não é possível uma tal proposta porque essa é sempre uma posição regida pelo verbo.

nas quais o CI aparece mas não corresponde a nenhum XP*, sendo consideradas casos excepcionais .

15 . a . Me le arruinaron la vida a mi hijo.
 dat. ético OD OI
 (Eles arruinaram a vida do meu filho.)

b . Te me compraste la moto.
 OI dat.ético OD
 (Você comprou a moto para você mesmo.)

c . Ele me beijou a menina no meio da
 testa.
 dat.ético OD

Os chamados dativos éticos ou benefativos ocorrem com verbos com OD e OI plenos. O argumento benefativo ou ético expressado pelo verbo não vai ser nunca encontrado na posição pós-verbal.

Os dativos éticos me e te não podem ser substituídos por um XP pleno. A sua função não é vincular uma posição de argumento. Os CIs não se relacionam tematicamente com o verbo, isto é, a grade temática do verbo não os prevê como argumentos.

O mesmo acontece com as construções com dativos inerentes como as que aparecem nas sentenças em (16), a seguir:

16 . a . Ele se queixa.
 b . Pierre en a bavé.
 (Pierre dele se baba.)

Os CIs se e en não têm fonte. Não são argumentos do verbo e portanto não têm função temática. São licenciados pelo verbo mas não existe um lugar de argumento, um lugar no qual um XP possa aparecer. O CI en não corresponde a XP. É parte da entrada lexical do verbo en baver.

Os Cls inerentes do francês podem produzir um Objeto Cl sem papel temático que seguiria as regras normais da Distribuição dos Clíticos (Clitic Placement). Para as construções com Cl éticos, nas quais não se relacionam com o verbo, seria permitido gerar XPs sem papéis temáticos nucleados pelos Cls dativos, os quais deveriam sujeitar-se às normas da Distribuição dos Clíticos. Os Cls são relacionados com a posição argumental, mas o Cl inerente e o Cl ético seriam um caso excepcional de Cls.

Essa análise permite explicar a existência das construções chamadas de dativos de posse, nas quais o Cl parece se relacionar com um possuidor pronominal de um DP em vez de aparecer como um D possuidor. Sua origem nela é a posição possuidor. No exemplo em (17), o XP dativo, suposta origem do Cl, não parece estar disponível.

17 . a . Elles leur ont tiré dans le ventre.
(Elas lhes atiraram na barriga.)

b . * Elles leur ont tiré au ventre.

Nas sentenças em (18) a origem para o Cl é o objeto da preposição em si. Sua presença é permitida embora o DP dativo a Jean, potencial origem do Cl, não o seja.

18 . a . Elles lui ont tiré dessus.
(Elas atiraram nele.)

b . * Elles ont tiré à Jean .

Em (19), o Cl faz parte do DP, e de lá sobe para ocupar o seu lugar :

19 . O gerente me cortou o cheque especial.
(O gerente cortou o meu cheque especial.)

Porém, a análise que supõe geração na base é enfraquecida pela existência de orações como

- 20 . John perjured himself.
(Ele se culpou a si próprio.)

Nela, o objeto direto reflexivo forma parte da entrada lexical do verbo mas não recebe papel temático. O pronome himself em (20) não é um Cl. (a língua inglesa não tem Cls).

A partir do dito é possível afirmar que

- 21 . **Nas construções com Cls, em que não se relacionam com o verbo, seria permitida a geração de um XP sem papel temático nucleado por um deles que estaria sujeito às regras normais da Distribuição dos Clíticos.**

Essa afirmação em (21) não implica a existência de um XP* correspondente com o Cl, mas ela teria de explicar como este é interpretado se não tem papel temático.

Para a segunda análise, a de movimento, o Cl seria gerado em uma posição na estrutura D, em XP* e, por movimento, atingiria uma posição de superfície. Esse XP* seria então analisado como contendo o vestígio de Cl. O seu esquema é :

- 22 . Cl V XP*
 [t]

Nela, Cl e XP estariam numa aparente distribuição complementar.

- 23 . a . Marie connait Louis.
(Maria conhece Luís.)
- b . Marie le connait
(Maria o conhece.)
- c . * Marie le connait (à) Louis.
(Maria o conhece (a) Luis.)

Para Kayne (1975,1989), o Cl seria gerado na base na posição XP* e sofreria movimento para se adjungir a um verbo apropriado.

Existem argumentos a favor da análise de movimento, baseados na observação de que a relação Cl /XP * exibe propriedades de movimento :

- 1 . a evidência do SSC (Condição de Sujeito Especificado);
- 2 . o exame dos constituintes a partir dos quais o Cl pode ser extraído;
- 3 . a concordância do participio com o Cl, em algumas línguas românicas.

1. Kayne (1975) usa a evidência da SSC para corroborar suas conclusões sobre os efeitos de bloqueio dos Sujeitos sobre os Cls (não é possível qualquer tipo de extração por cima do Sujeito, que atua também como categoria de bloqueio para o movimento dos Cls).

- 24 . a . Jean a laissé Pierre parler a Marie.
(Jean permitiu Pierre falar a Marie.)
- b . Jean l'a laissé lui parler.
(Jean o deixou lhe falar).
- c . *Jean lui a laissé Pierre parler.
(Jean lhe deixou Pierre falar.)

d. * Jean le lui a laisse parler.

(Jean lho deixou falar)

As orações em (24 c) e (24 d) são agramaticais porque o Cl dativo ou dativo / acusativo respectivamente, não podem atingir a oração principal sobre o sujeito da oração encaixada como sugerido pelos efeitos da SSC, já que a presença do Sujeito intervém bloqueando o movimento do Cl , mesmo que na posição sujeito exista apenas o vestígio do Cl acusativo.

2 . O exame das classes de constituintes dos quais os Cls podem ser extraídos. Quando extraídos de dentro de um PP, o Cl em (25) se comporta da mesma forma que os objetos da preposição nos movimentos WH, em (26): o objeto da preposição não pode ficar sozinho e o elemento faltante é analisado como t devido ao movimento de XP* que nela se produz.

25 . a . Jean a vote pour Maastrich.

(Jean votou por Maastricht).

b . * Quel traite Jean a - t - il vote pour t

(Que tratado Jean votou por ?)

26 . a . Jean a vote pour lui.

(Jean votou por ele)

b . * Jean lui a vote pour [sc]t

(Jean votou por)

Porém, existem casos em que o Cl está ausente como mostra o trabalho de Zribi - Hertz (1984) e então o faltante é analisado como um pro, já que falta movimento à construção.

27 . Jean a vote pour. Pro

(Jean votou a favor.)

A preposição não pode ficar sozinha sem o DP em se tratando de movimento, mas isto é possível se ele é interpretado no discurso, como os pronominais nulos.

A extração dos DPs OD, que também indica um processo de movimento, obedece a uma generalização conhecida como Requerimento de extratibilidade, que aparece em (28), a seguir :

28 . a . Jean a vu une/ la photo de qui.

(Jean viu uma foto de quem.)

b . dont_j Jean a vu [une / la / * ma / * cette
photo t_j]
(de quem Jean viu uma / a foto.)

c . Jean a lu une dépêche de Paris.
(Jean leu um despacho de Paris.)

d . *D'ou_J Jean a - t- il lu [une depeche t_j]
(de onde Jean leu um despacho.)

Em (28 b), a extração é possível quando o sintagma a ser extraído é o possuidor. Nunca um PP locativo como em (28 d) pode ser possessivizado e então extraído do DP. O mesmo acontece em construções com clíticos, como a seguir :

29 . a . Jean a vu une / la photo de qui.

(Jean viu uma / a foto de quem .)

- b. Jean en_j a viu [une/ la /* ma/ * cette
photo t_j.]
(de quem Jean viu uma/ a /* minha / *esta
foto)
- c . Jean a lu une depeche de Paris.
(Jean leu um despacho de Paris.)
- d . * Jean en_j a lu [une depeche t_j]
(Jean dela leu um despacho)
- e . Jean vient de Paris.
(Jean vem de Paris.)
- f . Jean en_j vient t_j .
(Jean daí vem)

A oração (29 d) tem o locativo clitzado o que faz dela uma oração agramatical. Como de Paris não é o possuidor, portanto não pode ser extraído, o que se mostra claramente.

Segundo Sportiche (1989) e Valois, (1991), isso se explica a partir da Regência por antecedente, propriedade requerida por traços mas não por outras categorias silenciosas : a extração de um DP deve provir do [SPEC, DP], uma posição garantida de regência por antecedente.

- 30 . dont_j Jean a vu [DP t_j [la NP photo t_j]]
(de quem_j Jean viu a foto.)

3 . A concordância de particípio com o Cl. Em francês, os participios concordam opcionalmente com os seus objetos diretos acusativos quando estes os precedem o particípio, mas a concordância é excluída quando o objeto segue o particípio.

- 31 . a . Jean a peint (*E) la porte.
(Jean tem pintado a porta .)

b . La porte que Jean a peint (E) t.
(A porta que Jean tem pintado.)

c . Jean l 'a peint (E) [sc]
(Jean a tem pintado.)

A sentença (31 b) mostra o objeto relativizado e a sentença (31 c) o tem clitzado. A análise dessa última sentença é a seguinte :

32 . Jean l_j à [peinte ...t_j]]
(Jean a tem pintado.)

Numa análise de movimento, os dados acima dão possibilidade à sugestão de Kayne (1989 b), que diz :

1 - existe um e só um caminho para conseguir concordância : concordância participio / objeto é similar à concordância sujeito / tempo, sendo o reflexo da relação entre o núcleo e o seu especificador.

2 - Existe um especificador intermediário através do qual o objeto movido pode transitar.

SEGUNDO CAPÍTULO

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS.

As características apontadas no capítulo primeiro são gerais; porém, as variedades das línguas românicas a serem analisadas (o PB e o ERP) apresentam as suas características próprias.

PRIMEIRA PARTE

1. O SISTEMA E A DISTRIBUIÇÃO DOS CI NO PB

Segundo Silveira (1997), o PB apresenta características especiais tanto no sistema de CIs quanto em sua colocação.

1.1. Sistema

O paradigma de pronomes do PB é, em vários aspectos, diferente dos de outras línguas românicas, segundo pode ser verificado no quadro em (1), a seguir:

(1)

cl	não-clíticos		oblíquo
	nominativo	acusativo	
me	eu	(eu)	mim
te	você (tu)	você	você (ti)
o-a -se-lhe	ele -ela	ele - ela	ele-ela-si
nos	nós	(nós)	nós
_____	vocês	vocês	vocês
os-as-se-lhes	eles-elas	eles-elas	eles-elas

Os pronomes entre parênteses estão em variação dialetal. *Tu* e *ti* (2º pessoa) são próprios do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

O acusativo *eu* (1ª pessoa) alterna-se com o Cl *me* de forma diferente de *ele/o* pois enquanto *me* não perdeu terreno para *eu*, *o* o perdeu para *ele* (e o objeto nulo).

Também a forma nominal *a gente* funciona como um pronome, podendo substituir o pronome *nós* em todos as contextos.

Enquanto os pronomes ocupam a posição argumental, os Cls são núcleos. Por serem núcleos associados a V, fazem parte do complexo de núcleos que gravitam em torno do verbo.

Já foi visto que Cls e pronomes estão em distribuição complementar; porém, do ponto de vista da Teoria da Vinculação, a complementaridade não se mantém pois ambas as classes contêm pronominais e anafóricos, propriedade compartilhada por outras línguas românicas.

O PB se distingue por apresentar um sistema de Cls menos rico que outras línguas românicas.

O quadro dos Cls do PB, utilizando a rima silábica para distingui-los, é o que aparece em (2), a seguir:

2.	Cls com rima [+ e]	Cls com rima [-e]
	me- te - se - lhe (s)- nos	o(s) - a (s) - lo (s)- la (s)

Embora *nos* seja de rima [- e], comporta-se como os Cls de rima [+ e]; por isso está incluído nesta classe.

Os Cls *me*, *te*, *se*, *lhe (s)* e *nos* são ambíguos quanto à função e ao Caso a eles associados: podem desempenhar tanto a função de OD (e receber Caso acusativo) ao lado dos Cls *a*, *o*, *as*, *os* quanto de OI (e receber Caso dativo), como aparece nos exemplos (3) e (4), a seguir :

- OD
- 3 . a . Maria **me** visitou no último final de
semana.
- OD
- b . Ele **lhe** beijou na testa.

OD

c . Meu pai **a** encontrou em frente à padaria.

OI

4 . a . O João **me** deu um presente.

OI

b . A Maria **lhe** entregou o livro .

OI

c . Ele **nos** mandou um cartão postal.

Há uma assimetria entre os dois grupos de CIs no que tange a sua freqüência e sua colocação: de um lado, estão os CIs com rima [+ e] (*me* , *te* , *se* , *lhe* (*s*) , *nos*) e do outro, os CIs acusativos de 3ª pessoa com rima [- e]. Essa última classe é composta de CIs sem onset (*o* , *a* , *os* , *as*) e com onset (*lo* , *la* , *los* , *las*). Eles substituem -r no infinitivo e, mais raramente, *no* , *na* , *nos* , *nas*, que aparece depois de vogal final do verbo). Os CIs mais usados no PB são aqueles que compõem o primeiro grupo e os menos usados, os CIs de 3ª pessoa [- e]. No que diz respeito ao último grupo de CIs, existe uma preferência pelas forma com onset (*lo* , *la* , *los* , *las*) em detrimento das formas sem onset. O que determina o uso dos CIs *lo* , *la* , *los* , *las* é a presença de um verbo no infinitivo, segundo dados apresentados por Luize (1997), citados por Silveira (1997).

1 . 2. Outra particularidade que caracteriza o PB diz respeito à impossibilidade de ocorrência de mais de um CI por sentença, problema não relacionado com a sua ordenação.

5 . a . * O livro, o João **mo** deu ontem .

b . * O livro, **o me** deu ontem .

c . * O livro, **o vai me** dar amanhã .

d . * O livro, vai **me dá - lo** amanhã.

A agramaticalidade das sentenças em (5) não se deve a impossibilidade de pronominalização dos dois objetos, mas ao uso de dois CIs na mesma sentença .

- 6 . a . O livro, o João **o** deu para **mim** ontem.
 b . O livro, o João **me** deu **ele** ontem .
 c . O livro, o João vai **me** dar **ele**
 amanhã.
 d . O livro, o João vai dá-lo para **mim**.

As sentenças são gramaticais se um dos objetos é cliticizado e o outro é pronominalizado como mostram os exemplos em (6).

Adicionalmente, não existe restrição para a pronominalização de dois objetos, como mostra (7), a seguir :

- 7 . a . O livro, o João deu **ele** para **mim**.
 b . O livro, o João vai dar **ele** para **mim**.

Tanto OD quanto OI podem ser pronominalizados. Note-se ainda que os Cls estão em concorrência com outras formas alternativas: o pronome tônico e o objeto nulo, propriedade que abrange tanto os Cls [+e] quanto [- e]. Com respeito à primeira dessas formas alternativas, observem-se os exemplos em (8) :

- 8 . a . Ele **me** buscou na rodoviária ontem.
 b . Ele buscou **eu** na rodoviária ontem.
 c . A Maria **te** visitou ontem.
 d . A Maria visitou **você** ontem .
 e . O Paulo **nos** convidou para a festa.
 f . O Paulo convidou **nós** (a gente) para a festa.

Os Cls *me*, *te*, e *nos* concorrem com o pronome tônico *eu* e *você* e com a expressão nominal *a gente*, que funciona como pronome no PB.

No que respeita ao Cl [- e], além de concorrer com o pronome tônico, também o faz com uma categoria vazia, o fenômeno de objeto nulo segundo Silveira (1997), citando

Galves (1989) e Cyrino (1993), como aparece em (9), a seguir :

- 9 . a . Eu o entreguei para a Maria .
 b . Eu entreguei ele para a Maria .
 c . Eu entreguei _____ para a Maria .

O objeto nulo é um fenômeno restrito à 3ª pessoa (singular ou plural) .

1.2. Cl e formas alternativas em contextos com Marcação de Caso Excepcional (ECM)

Em contextos como (10), a seguir, em que há distribuição complementar entre pronome tônico e Cls em estruturas coordenadas (10 a) e de foco (10 b), só pronomes tônicos podem aparecer :

- 10 . a . Ele encontrou eu e você .
 b . Ele viu eu , não você .

O Cl não poderia ocorrer como o evidencia a agramaticalidade de (11), a seguir :

- 11 . a . * Ele me encontrou e você .
 b . * Ele me viu, não você .

Porém, existem situações em que não há distribuição complementar entre Cls e pronomes tônicos. Por exemplo, em sentenças como (12), não há restrição para o uso de **eu** ou **me** .

- 12 . a . Ele **me** viu chorar .
 b . Ele viu **eu** chorar .

O pronome **me** é licenciado. Em (12 a), ilustra-se a Marcação Excepcional de Caso (ECM). O verbo *ver* (verbo ECM) atribui Caso acusativo ao argumento que não tem Caso disponível dentro da construção encaixada, já que se trata de uma construção infinitiva não flexionada.

No entanto, há uma ambigüidade em relação ao Caso em (12 b), porque *ele / eu* podem ser tanto nominativo quanto acusativo em PB. O pronome pode receber Caso Acusativo do ECM *ver*, ou Caso Nominativo do infinitivo pessoal. (A marca de flexão neste último caso é zero) .

Quando o infinitivo pessoal tem marcação explícita de flexão , não ocorre ambigüidade em relação ao Caso .

- 13 . a . A garota viu **eles** chorarem .
 b . Ela viu **os meninos** chorarem .

A marca de flexão assegura que o Caso de **eles** e de **os meninos** é nominativo (do núcleo Agr, representado pelo morfema *-em*).

O infinitivo pessoal se caracteriza pela presença da concordância AgrP. Assim, **os meninos** e **eles** ocupam o Spec da projeção de AgrP.

O infinitivo impessoal não tem AgrP. Portanto, **os meninos** e **eles** ocupam a posição de Spec de InfP.

- 14 . a . A garota viu **eles** chorar .
 b . Ela viu **os meninos** chorar .

O núcleo Inf, representado pelo morfema *-r*, não tem capacidade de atribuir nominativo ao seu Spec. Mas como os DPs necessitam ter Caso, o verbo *ver* cumpre essa função, marcando casualmente os DPs.

Porém,

- 15 . a . * Ela **nos** viu chorarmos .
 b . * Ela **os** viu chorarem .

(15 a) evidencia que nesta construção há marcação excepcional de Caso.

Aqui é possível atribuir Caso Nominativo, pois o verbo está na forma de infinitivo pessoal; no entanto, com essa marca de flexão, o verbo não pode ocorrer com esse tipo de Cl, que não é compatível com Caso Nominativo .

Não há problema em o pronome *eu* NOM/ACC funcionar nos contextos com ECM como acusativo em lugar de Cl *me* (ACC/*NOM), tal como aparece em (8 b) e (12 b), por causa da perda de distinção casual no paradigma pronominal do PB.

2 . Colocação

Como em outras línguas românicas, o Cl no PB gira em torno do verbo, colocando-se antes ou depois dele.

No PB, a próclise é generalizada com ou sem palavra atrativa. O Cl se incorpora ao verbo lexical não finito e não ao auxiliar finito em estruturas com dois ou mais verbos adjacentes; não há restrição quanto à possibilidade de aparecer em primeira posição na oração; não aparece o fenômeno chamado de “Clitic Climbing” e o Cl acusativo de 3^a pessoa com rima [- e] não se distribui como os outros Clíticos .

2 . 1 . A posição de um Cl com um só verbo

O comportamento dos Cl é idêntico tanto em sentenças raízes quanto em subordinadas. Porém, é necessário separar as sentenças com um único verbo daquelas com dois ou mais verbos adjacentes.

2 . 1 . 1 . Posição do Cl com um só verbo finito

a) Em sentenças com um só verbo finito, o Cl aparece sempre antes dele (em próclise) . A próclise é o caso geral do PB.

- 16 . a . Ele **me** visitou no hospital.
 b . ? * Ele visitou-**me** no hospital.
 c . Ele **o** visitou no hospital.
 d . ? * Ele visitou-**o** no hospital .

Em situações extremamente formais, o Cl *me* (ou o Cl *o*) aparecem depois do verbo .

b) Não modifica a colocação do Cl uma palavra das chamadas palavras atrativas (pela gramática tradicional), nem poderia, já que a próclise é a regra no PB.

- 17 . a . Ele nunca **me / o** visitou no hospital.
 b . * Ele nunca visitou-**me / o** no hospital.

c) Também em sentenças subordinadas ocorre próclise.

- 18 . a . Prefiro que **me** deixem sozinha .
 b . * Prefiro que deixem-**me** sozinha.

d) O modo verbal não altera a colocação proclítica do Cl : indicativo (19) ou subjuntivo (20) pedem próclise .

- 19 . a . Ela disse que ele **me / o** viu na estrada.
 b . * Ela disse que ele viu-**me / o** na estrada.

- 20 . a . Não quero que ele **me** veja com essa fantasia.
 b . * Não quero que ele veja-**me** com essa fantasia.

e) Também com orações imperativas negativas, há próclise de Cl ao verbo .

- 21 . a . Não se mexa.
 b . * Não mexa - se .
 c . Não a perturbe mais .
 d . * Não perturbe - a mais .

f) Porém, com orações imperativas negativas verifica-se uma diferença: só o Cl [+ e] ocorre em posição pré-verbal. O Cl [- e] não pode aparecer em tal posição .

- 22 . a . Me deixe sozinha com ele.
 b . * Deixe - me sozinha com ele .
 c . * O pegue !
 d . ? Pegue - o .
 e . * O detenham.
 f . ? Detenham - no.

Assim, observa-se um comportamento diferente entre o Cl [+ e] *me* e o Cl [- e] *no* e *o*. Todavia, embora a ênclise seja a única possibilidade, as sentenças (22 d) e (22 f) são marginais. Em sentenças imperativas, o Cl *o* não pode aparecer em posição pré -verbal.

2 . 1 . 2 . Posição do Cl com um só verbo não finito

Neste contexto, a próclise não é generalizada.

a) O Cl [- e] comporta-se diferentemente do Cl [+ e] com verbo infinitivo. Enquanto os Cls [+ e] ocorrem preferencialmente em posição pré-verbal, como aparece a seguir:

- 23 . a . Ele faz isso só para **me** magoar.
 b . ?? Ela faz isso só para magoar- **me**.

os Cls [\bar{e} e] ocorrem só na posição pós-verbal, apesar da ocorrência de *não*, que poderia ser considerada uma palavra atrativa, tal como mostram as sentenças em (24):

- 24 . a . Para não assustá - **lo** os soldados se retiraram.
 b . ?? Para não **o** assustar os soldados se retiraram.

b) O mesmo comportamento pode ser observado nas sentenças com um só verbo no gerúndio : os Cls [-e] estão em posição pós-verbal, como aparece em (25):

- 25 . a . Ajudando-**o**, estarei realizando uma boa ação.
 b . Ela viu a menina beijando-**o**.
 c . * João estava **o** completando .

independentemente de o gerúndio iniciar uma sentença (25 a) ou vir em uma posição mais baixa na estrutura (25 b) .

Porém, os Cls [+ e] colocam-se pré-verbalmente, como aparece em (26), a seguir :

- 26 . a . **Te** ajudando, estarei realizando uma boa ação.
 b . Ela viu a menina **me** beijando.
 c . * Joana viu a menina **o** beijando.

Resumindo, o verbo não-finito (infinitivo ou gerúndio) requer ênclise com Cl [- e] e próclise com Cl [+ e] .

2 . 2 . Posição do Cl com dois ou mais verbos adjacentes

Nas construções com dois ou mais verbos adjacentes, sistematicamente há próclise ao último verbo do conjunto. Porém, essa posição é exclusiva dos Cl [+ e] **me, te, se, lhe (s), nos**, jamais dos Cl [- e] .

2 . 2 . 1 . Posição do Cl com rima [+ e] e último verbo no infinitivo

Observe (27) :

27 . a . Ela quer **me** encontrar no próximo final de semana.

Em (27 a) há uma posição aceitável para o Cl, ou seja, ele está em próclise ao verbo *encontrar*. Seria possível pensar que se trata de ênclise ao verbo matriz, mas o exemplo abaixo mostra que não é este o caso :

b . Ela quer sempre **me** encontrar no próximo final de semana.

O Cl *me* deve estar junto ao verbo infinito, último do conjunto e não do verbo mais alto *quer* como a presença do advérbio em (27 b) deixa claro :

c . * Ela quer- **me** sempre encontrar nos próximos finais de semana.

(27 c) é inaceitável já que, além de apresentar Clitic Climbing, há ênclise ao verbo finito .

Clitic Climbing em (27 c) não é um fenômeno natural no PB. Essa impossibilidade não pode ser associada matriz à existência de um PRO ou um CP vazio na encaixada, pois mesmo em uma estrutura com vestígio, na qual é postulado o apagamento do CP

vazio, não é natural a subida do Cl, como se pode ver em (28) a seguir :

- 28 . a . ?? Ela **me** quer PRO encontrar.
 b . ?? Ela **me** parece t_ odiar .
 c . ?? Ela **me** vai t_ encontrar .

Não há diferença entre o verbo lexical *parecer* (28 b) e o *ir* (28 c). As duas são construções de alçamento. Tanto em estruturas com PRO, quanto com vestígio, não é permitida a subida do Cl, que tem de aparecer sempre junto ao verbo infinitivo mais baixo .

Porém, existe um caso em que o alçamento do Cl é possível: contextos com ECM. Neles, o Cl separa-se do verbo que lhe atribui papel temático, como se pode ver nos exemplos em (29), a seguir :

- 29 . a . Ela **me** mandou plantar batatas .
 b . Ela **me** viu plantar batatas.

O Cl *me* de (29) recebe papel temático do verbo *plantar* (é argumento externo dele), o último verbo do conjunto (embora ele se encontre ao lado do verbo matriz) e Caso do verbo que está junto dele (*mandou*) .

Nesses contextos de ECM é o sujeito do infinitivo que está sendo cliticizado. Só que o que sobe é o sujeito do verbo infinito, não o objeto do verbo infinitivo, como mostra o exemplo (30):

- 30 . a . Ela mandou a Maria te encontrar.
 b . * Ela te manda a Maria te encontrar.

2 . 2 . 2 . Posição do Cl com rima [+e] e o último verbo no gerúndio ou no participípio

Nestas construções, o comportamento do Cl é semelhante ao daquelas com verbo no infinitivo: o Cl se posiciona em próclise ao verbo mais baixo.

- 31 . a . Ele está **me** enrolando faz vários dias.
 b . ?? Ele está enrolando-**me** faz vários dias.
 c . ?? Ele **me** está enrolando faz vários
 d . * Ele está-**me** enrolando faz vários dias.
- 32 a . Ela já tinha **me** procurado outras vezes.
 b . * Ela já tinha procurado-**me** outras
 vezes.
 c . ?? Ela já **me** tinha procurado outras
 vezes.
 d . * Ela já tinha - **me** procurado outras
 vezes.

As únicas sentenças plenamente aceitáveis são aquelas em que o Cl está antes do verbo mais baixo, seja o caso de construções com gerúndio (31 a) seja o caso de construção com particípio (32 a) .

Essa última construção só existe no PB. No PE, o Cl em construções com particípio, deve estar sempre adjungido ao auxiliar.

Mesmo acrescentando-se um outro verbo infinitivo, a posição do Cl não varia: sempre será antes do último verbo do conjunto, como é possível observar, a seguir, em (33) com verbos no gerúndio e em (34) com verbos no particípio :

- 33 . a . Ela pode estar **me** enrolando já faz
 tempo.
 b . *Ela pode estar - **me** enrolando já
 faz tempo.
 c . ?? Ela pode **me** estar enrolando já
 faz tempo.

- 34 . a . Ela já devia ter **me** procurado.

- b . * Ela já devia ter-**me** procurado.
 c . ?? Ela já devia **me** ter procurado.

2 . 2 . 3 . Posição do Cl [+ e] com dois ou mais verbos em sentenças subordinadas tanto com Modo Indicativo quanto com Modo Subjuntivo

A posição do Cl em sentenças subordinadas continua a ser a mesma já indicada acima: em próclise ao último verbo do conjunto.

- 35 . a . O Paulo disse que ele vai querer **me** visitar.
 b . * O Paulo disse que ele vai **me** querer visitar.
 c . É um país que está **se** desenvolvendo cada vez mais .
 d . Ela falou que a Maria devia ter **me** encontrado.

O Cl coloca-se antes do último verbo, seja este infinitivo, gerúndio ou particípio.

O mesmo comportamento verifica-se nas orações subordinadas subjuntivas, tal como mostram os exemplos a seguir:

- 36 . a . Não quero que ele vá **me** ver no teatro.
 b . * ? Não quero que ele **me** vá ver no teatro.
 c . Espero que ele esteja **me** observando .
 d . ??Espero que ele **me** esteja observando .
 e . Ficaria feliz se ela tivesse **me** visto .
 f . ?? Ficaria feliz se ela **me** tivesse visto .

O modo do verbo não é fator capaz de alterar a posição do Cl em orações com dois ou mais verbos adjacentes. Tanto no modo

indicativo quanto no subjuntivo, a próclise acontece com o verbo não-finito mais baixo.

2 . 3 . Posição do Cl com rima [- e] em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes

Em construções com infinitivo, os Cls com rima [- e] só podem ocorrer depois do último verbo infinitivo do conjunto. Observe-se (37), a seguir:

- 37 . a . A Maria quer encontrá - **lo** .
 b . A Maria vai encontrá - **lo** .
 c . A Maria vai querer encontrá - **lo** .
 d . * Ela vai querê - **lo** encontrar .
 e . * Ela vai podê - **lo** encontrar .
 f . Ela deve tê - **lo** visto .
 g . * Ela deve ter visto - **o** .

O Cl aparece só ao lado do verbo infinito mais baixo em ênclise. Adicionalmente, observe-se a impossibilidade de ênclise ao participio.

Com o gerúndio, não há posição boa para a colocação dos Cls [- e]. No melhor dos casos, seguindo a regra padrão colocar-se-iam em ênclise ao verbo, como aparece em (38 a). Porém, no PB, a construção perfeita para a colocação é aquela com pronome tônico, não com Cl (38 e):

- 38 . a . Ela está vendo- **o**
 b . * Ela está sempre **o** vendo.
 c . * Ela está-**o** sempre vendo.
 d . ?? Ela **o** está vendo .
 e . Ela está vendo **ele** .

Com participios, os Cls [- e] também não têm uma posição boa. Porém, uma posição marginal é aquela que apresenta próclise ao verbo mais alto. Contudo, no PB a posição perfeita é aquela

com pronome tônico em lugar do pronome átono correspondente, como se apresenta em (39 e), a seguir, e ainda o uso do objeto nulo, tal como aparece em (39 f):

- 39 . a . * Eu tinha visto- o .
 b . * Eu tinha sempre o visto .
 c . ?? Eu tinha-o sempre visto .
 d . ?? Eu o tinha visto .
 e . Eu tinha visto ele .
 f . Eu tinha visto .

O Cl [- e], ao contrário dos outros Cls, não se realiza na primeira posição, como pode ser observado nos exemplos em (40), a seguir :

- 40 . a . Te chamo no final da semana .
 b . * O/ A chamo no final da semana .

O PB não obedece à Lei de Tobler-Mussafia que proíbe o uso do Cl em posição inicial. Assim, uma sentença como (40 a) é boa na língua.

A forma sem onset só poderá ocorrer se antes dele houver qualquer material fonológico, aparentemente respeitando a Lei de Tobler-Mussafia. :

- 41 . a . Eu o chamo no final da semana .
 b . No final da semana o chamo cedo .
 c . O livro, o li na semana passada .

2 . 4 . O participio passivo e os Cls

Nas sentenças com participio passivo, este não aceita clítico algum ao seu lado. O Cl se situa numa posição mais alta junto ao verbo auxiliar.

- 42 . a . * Estes livros foram **me** doados.
 b . ? Estes livros **me** foram doados.

Mesmo (42 b) é uma forma marginal, pois não é em qualquer posição mais alta que o Cl pode ocorrer, como mostram os exemplos em (43), a seguir :

- 43 . a . * Estes livros vão ser **me** doados.
 b . * Estes livros vão **me** ser doados.
 c . ? Estes livros **me** vão ser doados .

O Cl não pode aparecer do lado do infinitivo como em (43 a) e (43 b). O lugar próprio para a colocação do Cl é à esquerda do verbo finito, nunca ao lado do verbo não-finito.

O mesmo comportamento se observa em orações passivas com verbos no gerúndio e no particípio, segundo é possível observar nos exemplos em (44) e (45), a seguir :

- 44 . a . * Estes livros estão sendo **me** doados
 para eu ...
 b . * Estes livros estão **me** sendo doados
 para eu ...
 c . ? Estes livros **me** estão sendo doados
 para eu ...

- 45 . a . * Estes livros têm sido **me** doados para
 eu ...
 b . * Estes livros têm **me** sido doados .
 para eu ...
 c . ? Estes livros **me** têm sido doados
 para eu ...

Novamente, as frases perfeitas no PB fazem uso do pronome tônico em posição objeto:

46. a . Estes livros foram doados para **mim** .
 b . Estes livros vão ser doados para **mim** .
 c . Estes livros estão sendo doados para **mim** .
 d . Estes livros têm sido doados para **mim** .

SEGUNDA PARTE

2 . O SISTEMA E A COLOCAÇÃO DOS CI NO ERP

Segundo Groppi (1997), os CIs do espanhol do Rio da Prata apresentam características especiais .

2 . 1 Sistema dos CI no ERP

Os CIs no ERP apresentam algumas peculiaridades. Dentre as características morfológicas, têm-se :

a) - O ERP se distingue pelo uso que faz dos CIs de 3^a pessoa : **lo (s)**, **la (s)** são usados para o acusativo enquanto que **le (s)** é usado para o dativo em uma oposição que tem por base o Caso. Também é necessário dizer que a forma da 2^a pessoa *Usted(es)* faz uso dos CIs e demais características flexionais da 3^a pessoa .

Porém, é muito freqüente a oposição que privilegia o traço [+ humano] sobre a distinção de Caso, possibilitando o uso do pronome *le* como acusativo. Isso corresponde ao fenômeno conhecido como “leísmo”², restrito ao uso de *le* como acusativo masculino [+ humano], além de ser usado para dativo .

- 47 . a . ¿Habías visto a Juan el domingo pasado?
 (Tu tinhas visto o João no domingo
 pasado?
Le vi ayer.
 (Eu o vi ontem.)

² ; No ERP essa forma não é muito comum.

Lo vi ayer.
(Eu o vi ontem.)

- b . ¿ Habías visto a María en la fiesta?
(Tu tinhas visto a Maria na festa ?)
* **Le** vi ayer.
(Eu o vi ontem.)
La vi ayer.
(Eu a vi ontem.)

- c . Había visto a Usted últimamente en el
bar.
(Eu tinha visto o senhor no bar.)
Le había visto últimamente en el bar.
(Eu o tinha visto no bar.)
Lo había visto últimamente en el bar.
(Eu o tinha visto no bar.)

- d . ¿ Habías leído este libro de Cortázar ?
(Tu tinhas lido este livro de Córdazar?)
* **Le** había leído durante las vacaciones.
(Eu o tinha lido nas feiras.)
Ya lo había leído .
(Eu já o tinha lido.)

b) - A forma do dativo **le (s)** tem uma forma supletiva, a variante **se**, que ocorre nas seqüências de Cls (“clitics clusters”). Essa forma só aparece quando o dativo é seguido do acusativo da 3ª pessoa do mesmo pronome.

- 48 . a . **Le** dijo algo a él./ a Usted.
(Ele Cl disse alguma coisa a ele/ao senhor)
a' . **Se lo** dijo (a él).
(Ele Cl o disse (a ele .))
a'' . * **Se** dijo algo a él.
- b . **Le** di la libreta a Juan / a Usted.
(Eu Cl dei o livrete ao João / ao senhor.)

- b'. **Se la** di (a Juan).
(Eu Cl a dei (ao João))
- c . **Les** di las libretas (a Juan y a Pedro)
(Eu Cl dei os livretes ao João e ao Pedro)
- c'. **Se las** di .
(Eu Cl as dei)
- d . **Se las** di a Juan y a Pedro.
(Eu Cl as dei ao João e ao Pedro)

c) - As formas de 1^a e 2^a pessoas mostram sincretismo em relação ao Caso para dativo e acusativo: **me, te, le** (2^a pessoa, **tratamento formal**), **nos, les** .

- 49 . a . Ela **me** vió.
Acusat.
(Ela me viu.)
- a'. Ela **me** dió un regalo.
dat.
(Ela me deu um presente.)
- b . **Te** llamaron por teléfono hace un rato.
Acusat.
(Te ligaram faz pouco tempo.)
- b'. **Te** pediremos ayuda cuando sea
dat. necesario.
(Te pediremos ajuda quando for
necesário)
- c . **Le** vimos en el cine ayer.
Acusat.
(Lhe vimos no cinema ontem .)
- c'. **Le** daremos la carta cuando llegue.
dat.
(Lhe daremos a carta assim ele chegar)
- d . **Nos** eligieron para representarlos.
Acusat.
(Nos escolheram para representá-los)

d'. Nos juramos fidelidad eterna.

dat.

(Nos juramos fidelidade eterna.)

d) - Para o uso com preposição, a 1ª pessoa e a 2ª do singular e também o reflexivo de 3ª pessoa contam com formas diferentes daquelas do nominativo: **mi** , **ti** , **si** , **conmigo**, **contigo**, enquanto outras pessoas apresentam formas coincidentes com as do nominativo : **a Usted** , **a él**, **a ella**, **a nosotr(os) (as)**, **a Ustedes** , **a ell(os) (as)**.

50 . a . Eso es para **mí /ti /Usted**.

(Isso é para mim /para ti / para o senhor.

b . Ella hablaba **conmigo / contigo /con Usted** en ese momento.

(Ela falava comigo / contigo / com o senhor nesse momento.)

c . Luis la ayudó **a ella / a Usted** con los paquetes.

(Luis Cl ajudou ela / a senhora com os pacotes)

d . Nadie quiere saber nada **de nosotros**.

(Ninguém quer saber nada de nos.)

e . Nadie quiere saber nada **de Ustedes**.

(Ninguém quer saber nada de vocês.)

Resumindo. Os pronomes tanto sujeito quanto objetos na língua espanhola são os seguintes ³ :

³ *Nueva Gramática de la lengua española*. Real Academia Española de letras. Pág. 204

	Caso nominat.	Caso preposicional	Caso acusat.	Caso dat.
1ª sing.	yo	mí, conmigo	me	me
plur.	masc. nosotros fem. nosotras	nosotros nosotras	nos	nos
2ª sing.	tú Usted	vos, contigo Usted	te lo(le)la	te le,se
plur.	Ustedes	Ustedes	los(les)las	les,se
3ª sing.	masc. fem. neutro	él ella ello	lo (le) la lo	le,se le (la) se le,se
plur.	masc. fem.	ellos ellas	los(les) las	les,se les(las)se

e) - Os Cls apresentam a possibilidade de combinação em grupos (clusters) . Essas combinações têm uma ordem rígida :

Cl dativo + Cl acusativo

podendo colocar-se em ênclise ou em próclise ao verbo, segundo as exigências sintáticas a serem analisadas a seguir, mas sempre na ordem indicada.

- 51 . Me dió el libro a mí.
(Ela Cl dat. deu o livro para mim.)
- a . **Me lo** dió.
Dat. Acust.
(Ela Cl dat. Cl acusat. deu.)

(Ela me deu isso.)

b . * **Lo me** dió.
acusat. dat.
(Ela Cl acust. Cl dat. deu.)

c . ¡ **Démelo!**
dat. /acusat.
(Da Cl dat Cl acusat.)
(Me da isso !)

Te dió el libro a vos .
(Ele CL dat deu o livro a você.)

a . **Te lo** dió.
Cl dat. Cl acusat.
(Ele Cl dat. Cl acusat. deu)
(Ele te deu isso)

b . * **Lo te** dió .
acusat. dat.
(Cl acusat. Cl dat deu .)

c . Debe **dártelo** en la mano .
dat./acusat.
(Ela deve dar Cl dat. Cl acusat. na mão.)
(Ela deve te dar isso na mão)

Le dió el libro a él / a Usted .
(Ele Cl dat. deu o livro a ele / ao senhor)

a . **Se lo** dió.
dat. acust.
(Cl dat. Cl acusat. deu.)
(Ela deu isso a ele)

b . * **Lo se** dió.
Cl acust. Cl dat.
(Cl acusat. Cl dat. deu)

c . Entró **gritándoselo** desde la calle .
Cl dat./Cl acusat.
(Ele entrou gritando Cl dat.Cl acusat.
desde a rua.)

Porém, existe uma restrição: não é possível ter a seqüência de dativo / acusativo se as combinações das formas pessoais forem: 3^a/ 1^a ou 2^a, ou combinações da 1^a e 2^a pessoas, ou seja, se as

seqüências são * **me / te**, * **le / me** ou * **le / te**, como mostram os exemplos agramaticais a seguir :

- 52 . a . Juan te presentó a mí.
 ACC DAT
 (João te apresentou a mim.)
 a' . * Juan **me te** presentó.

 b . Juan me presentó a él.
 ACC DAT
 (João me apresentou a ele)
 b' . * Juan **le me** presentó.

Se usado o alomorfe **se** (dativo) na frente do acusativo, o que se obtém é a interpretação REFLEXIVO - DAT e não a interpretação DAT - ACUSATIVO que está sendo tratada.

- 53 . a . Ella **se te** entregó .
 Refl. dat.
 (Ela se entregou para ti.)
 b . Ellos **se me** quejaron de ti.
 Refl. dat.
 (Eles se queixaram de ti para mim.)

Também se obtém o resultado REFLEXIVO + DATIVO de interesse ou benefactivo⁴ nos casos abaixo :

- 54 . a . **Te me** apareciste de sorpresa.
 (Cl refl. Cl dat. apareciste de surpresa)
 (Tu apareciste de surpresa.)
 b . * **Me te** apareciste de sorpresa.
 c . **Me le** arruinaron la vida a mi hijo.
 (Cl refl. lhe estragaram a vida do meu.)
 (Eles estragaram a vida do meu filho.)
 d . Aparécet**eme** cuanto llegues.

⁴ Dados de Groppi (1997: 32), de quem é também a terminologia utilizada aqui.

Cl refl Cl dat
(Apareça assim que você chegar)

f) A forma *se* é não marcada para gênero e número. Essa forma apresenta o mesmo sincretismo de *me* e *te* quanto ao caso.

- 55 . a . El libro **se** lo di a él.
(O livro, eu dei a ele.)
- b . El libro **se** lo di a ellos.
(O livro, eu dei para eles.)
- c . **Déselo** a ellos.
(Dê Cl dat. Cl acusat. a eles.)
(Dê isso para eles.)
- d . **Déselo** a él.
(Dê Cl dat. Cl acusat. para ele.)
(Dê isso a eles.)

Existe ainda, como possibilidade sociolingüísticamente marcada, o plural que diz respeito ao dativo ser marcado sobre o pronome acusativo, como mostra o exemplo em (56) .

- 56 . Se **los** di a ellos (el libro).
(Eu Cl acusat plural) dei a eles (o livro .)

É freqüente nos dialetos do ERP a ocorrência do dativo *le* (singular) no lugar de *les* (plural).

- 57 . Ya **le** dije a los chiquilines que no
hicieran eso. ⁵
(Eu já Cl dat. sing disse aos garotinhos
para não fazer isso)

2 . 2 . Colocação dos Cl no ERP

⁵ Também esses dados foram tirados de Groppi (1997:33) .

Fundamentalmente, os Cls no ERP são proclíticos ao verbo flexionado independentemente do Modo Indicativo (58 a), Subjuntivo ou Potencial (58 b) (que corresponde ao futuro do pretérito do português) da oração.

- 58 . a . ¿ **Lo** viste a Juan ?
 (M. Indicativo)
 (Tu CL viste o João ?)
- b . **Lo** diría si **lo** supiese .
 (M. Potencial) (M. Subjuntivo)
 (Eu CL diria se CL soubesse)

Nos tempos compostos (perífrases de passado com verbo auxiliar *haber* e participios verbais), o Cl é anteposto ao auxiliar independentemente do modo verbal, como é possível comprovar nos exemplos a seguir :

- 59 . a . Esas medidas el gobierno ya **las** había tomado otras veces.
 (M. Indicativo)
 (Essas medidas, o governo já as tinha tomado outras vezes.)
- b . Yo **lo** habría dicho si **lo** hubiese sabido.
 (M. Potencial) (M. Subjuntivo)
 (Eu o teria dito se o tivesse sabido.)

Com outras perífrases, os objetos do infinitivo ou do gerúndio podem aparecer antepostos ao verbo flexionado ou pospostos ao verbo mais baixo.

60. a . El niño quiso ayudarme .
 Cl
 (O menino quis me ajudar.)

- b . El niño **me** quiso ayudar.
 CL
 (O menino quis me ajudar.)
- c . Este libro, yo también voy a comprar**lo**.
 Cl
 (Este livro, eu também vou comprá-lo)
- d . Este libro, yo también **lo** voy a comprar.
 Cl
 (Este livro, eu também vou comprá-lo.)
- e . Juan **lo** continuó golpeando por varios
 Cl
 minutos.
 (João o continuou batendo por vários
 minutos.)
- f . Juan continuó golpeá**ndolo** por varios
 minutos. Cl
 (João o continuou batendo por vários
 minutos.)
- g . La humanidad está depravá**ndose**.
 Cl.
 (A humanidade está se depravando)
- h . La humanidad **se** está depravando.
 Cl
 (A humanidade está se depravando)

O fenômeno exemplificado em (60 b e e) é conhecido na literatura gerativa como "Clitic Climbing".

A posição dos Cls quando há um só verbo com infinitivo (61 a), com gerúndio (61 b) ou com o Modo Imperativo (61 c) é enclítica a esse verbo .

61 . a . Vino para ayudarte .

Cl

(Ele veio para te ajudar)

b . El niño se acercó estirándole los
brazos a la madre. Cl(O menino se aproximou esticando
os braços para a mãe.)

c . Ahí viene Juan. ¡ Míralo !

Cl

(Ai vem João. Olha para ele!)

2 . 3 . Construções com redobramento de Clíticos

A língua espanhola apresenta o que se chama de redobramento de Clíticos, que significa o uso simultâneo do Cl correferente e DP ou pronome forte na mesma oração, compartilhando a mesma função temática e sintática, podendo tratar-se tanto de OD quanto de OI, tal como mostra o exemplo em (62), a seguir :

62 . a . Lo vi a Juan .
OD OD

(Eu Cl acusat. vi o João.)

b . Le di un caramelo al niño .
OI OI

(Eu Cl dat. dei uma bala para o menino.)

2 . 3 . 1 . Características das construções com redobramento de Clítico no espanhol

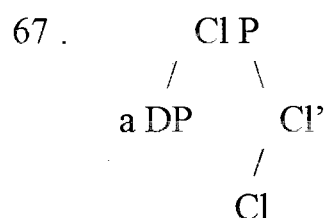
Segundo Schmitt (1994), as construções com redobramento de Cls no ERP têm as seguintes características :

1 - não é qualquer DP que pode aparecer como objeto redobrado; somente um sintagma nominal [+ animado] com um artigo definido, um demonstrativo ou um possessivo no núcleo do DP.

podem ser redobrados por um clítico, mas um plural nu ou um sintagma não específico ou [- animado] não podem ⁶.

- 63 . Lo_i vi [al / a ese / a su hombre]_i.
 (Eu Cl acust. vi [o / esse / o seu homem]
- 64 . * Lo_i vi a un hombre_i.
 (Eu Cl acusat. vi um homem.)
- 65 . * Los_i vi a hombres_i.
 (Eu Cl acusat. vi homens .)
- 66 . * Lo_i vi [al libro]_i en el estante.
 (Eu Cl acusat. vi o libro na estante.)

2- Nas construções com redobramento, o Cl e objeto redobrado não recebem papéis temáticos diferentes. Para Sportiche (1993) e Uriagereka (1995), o sintagma redobrado ocupa a posição de especificador e está em relação de concordância especificador-núcleo com o núcleo Clítico, tal como aparece no esquema a seguir:

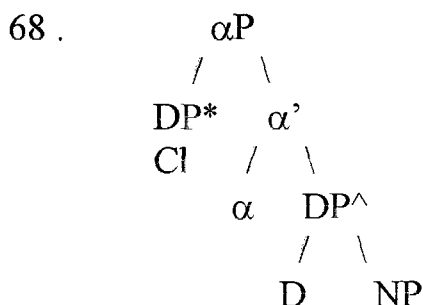


Os dois elementos nominais são interpretados da mesma maneira, já que se pode argumentar que eles compartilham a mesma função temática via concordância Spec- núcleo.

No entanto, essa não é a única maneira de dar conta do fato de que existe somente um papel temático disponível na construção. Schmitt (1994) propõe que a construção com redobramento de Cl acusativo é um exemplo de uma “Small Clause” identificacional.

⁶ Existem, no território da República Argentina, regiões nas quais o Clítico Acusativo Redobrado é possível tanto com objeto [+ animado] quanto como objeto [- animado]

Nelas, o elemento pronominal está relacionado a um DP pleno que é c- comandado pelo pronome. O pronome é um expletivo identificado com o sintagma redobrado. Nessas construções podem aparecer só os sintagmas que têm D-determinantes. Um D-determinante é uma propriedade que só pode ser visível se o determinante checa Caso em uma projeção Agr. O D-determinante é condição necessária para o DP aparecer como um argumento em construções com redobramento de Cl acusativo. A estrutura de uma construção com redobramento de Cl é a que aparece a seguir em (68):



onde αP é a projeção da “Small Clause” identificacional, o DP marcado DP^{\wedge} corresponde ao sintagma redobrado, e o DP marcado DP^* corresponde ao Cl que, sendo um pronome expletivo, necessita c-comandar o sintagma redobrado. O elemento α tem um DP^{\wedge} como complemento.

3- A presença da preposição nas construções com redobramento de Cls é analisada como um marcador de animacidade em dialetos que permitem redobramento só com sintagmas [+ animados] .

- 69 . a . Lo_i enganaron a $Juan_i$.
 (Cl acusat. enganaram o João .)
 b . Lo_i enganaron a $él_i$.
 (Cl acusat. enganaram ele .)

- 70 . a . * La_i vi a $la\ flor_i$ sobre la mesa .
 (Cl acusat. vi a flor encima da mesa .)
 b . * Vi a la flor sobre la mesa .
 (Eu vi a flor encima da mesa .)

A preposição também tem sido analisada como um marcador de especificidade (Sportiche, 1993). Assim, ela deverá aparecer quando há concordância em especificidade entre o Cl e o sintagma redobrado, sendo o problema de Caso do objeto resolvido pelo movimento do Cl para o especificador do sintagma redobrado.

Na análise clássica de Kayne (1978) citado por Sportiche (1992) a preposição é vista como um marcador “dummy” de Caso.

4- A presença do pronome forte precedido de preposição está condicionada à presença na mesma oração do Cl, já que a sua falta produz orações agramaticais, no dialeto em questão.

71. a . Yo lo vi.
 (Eu Cl acusat. vi.)
 b . Yo lo_i vi a Juan_i.
 (Eu Cl acusat. vi o João.)
- 72 . a . Yo lo_i vi a él_i.
 (Eu Cl acusat. vi ele .)
 b . * Yo vi a él.
 (Eu vi ele .)
- 73 . Vi a Juan.
 (Eu vi o João.)

Segundo Groppi (1997) citando Lois (1982), só é possível a duplicação quando a preposição está presente, mas o sintagma preposicional pode aparecer sem a duplicação (73) no caso dos DPs plenos.

Em construções onde há coordenação entre um sintagma pleno e um pronome ou um Cl, é obrigatória a preposição no DP pleno aí presente :

- 74 . a . Yo los encontré y a los otros también.
 (Eu os encontrei e aos outros também)

- b . * Yo los encontré y los otros también.
 (Eu os encontrei e os outros também)
- c . Yo los encontré y a él también.
 (Eu os encontrei e a ele também)

Essa propriedade também está presente em construções outras que não as construções com clíticos, como as orações relativas tipo padrão :

- 75 . a . Este es el hombre a quien encontré
 en la tienda.
 (Este é o homem quem encontrei na loja.)
- b . * Este es el hombre quien encontré en la
 tienda.
 (Este é o homem quem encontrei na loja.)

5 - Uma outra característica das construções com redobramento de Cls, citada por Schmitt (1994), é a relação que eles têm com o aspecto do verbo. Enquanto certos advérbios transformam predicados terminativos em iterativos, com outros essa leitura é impossível:

- 76 . a . Zurré la piel de oveja frecuentemente .
 (Eu surrei a pele da ovelha
 freqüentemente.)
- b . Zurré a mi marido frecuentemente .
 (Eu surrei meu marido freqüentemente.)

De fato, a única interpretação possível de (76 a) é aquela em que o falante surrou a pele da ovelha reiteradamente e em (76 b) ao marido também reiteradamente.

Já as construções com redobramento de Cl acusativo não podem ser modificadas com advérbios do tipo *frecuentemente*.

- 77 . a . * La_i zurré la piel frecuentemente .
 (Cl acusat. surrei a pele freqüentemente.)
- b . * Lo zurré a mi marido frecuentemente.

(Cl acusat. surrei meu marido freqüentemente.)

c . * Lo zurré a él frecuentemente.

(Cl acusat. surrei ele freqüentemente.)

Outros advérbios como aqueles do tipo *por X tempo* (*por X tiempo*) ou *até X tempo* (*hasta X tiempo*) agem de duas formas com um predicado terminativo :

- alongam o evento de modo que a sua duração cobra o período de tempo descrito pelo advérbio.

- forçam a iteração do predicado até preencher a extensão do tempo coberto pelo advérbio.

78 . Juan bebió leche por dos años.

(João bebeu leite por dois anos.)

Porém, se esse advérbio é acrescentado a uma construção com redobramento de Cl, a única leitura possível é aquela onde um evento foi estendido para cobrir a duração do advérbio:

79 . Amamantó al hijo hasta los dos años.

(Ela amamantou o filho até fazer os dois anos.)

80 . * Lo_i amamantó [al hijo]_i hasta los dos años.

(Ela Cl acusat. amamantou [o filho] até fazer os dois anos .)

81 . Amamantó al hijo por dos años.

(Ela amamantou o filho por dois anos .)

82 . Lo_i amamantó [al hijo]_i por dos años .

(Ela Cl acusat. amamantou [o filho] por dois anos.)

Ou seja, a leitura iterativa é bloqueada em construções com redobramento de Cl.

Resumindo, somente um sintagma nominal [+ animado] com artigo definido, um demonstrativo ou possessivo no DP pode ser redobrado por um Cl .

Esse Cl e os objetos redobrados não recebem papéis temáticos diferentes mas compartilham a mesma função temática, via concordância Spec-núcleo (Sportiche, 1993), (Uriagereka, 1995) ou, segundo Schmitt (1994) a construção com redobramento de Cl acusativo é uma “small clause” identificacional em que o elemento pronominal está relacionado com o DP pleno.

A presença da preposição na construção com redobramento de Cl é analisada como marcador de animacidade ou de especificidade (Sportiche, 1993).

O pronome forte precedido de preposição está condicionado à presença na mesma oração do Cl; observe-se que a presença da preposição é obrigatória. Também em coordenação entre DPs ou pronomes fortes e clíticos e relativas tipo padrão. As construções com redobramento de Cl acusativo não são modificadas por advérbios do tipo *frequentemente*.

TERCEIRO CAPÍTULO

PRIMEIRA PARTE

1. ANÁLISE PARA O CL NO PB

Baseando-nos na análise sobre os CL de português de Silveira (1997), pode-se afirmar que o PB, apresenta além de um sistema de Cls empobrecido, uma sintaxe particular para eles. Dentre essas particularidades destacam-se :

- a próclise como regra geral. Cls com rima [+ e] se colocam antes do verbo não-finito mais baixo em construções com dois ou mais verbos adjacentes.
- Os Cls com rima [- e] não se distribuem como os outros Cls
- Não acontece Clitic Climbing .
- Não é possível a ocorrência de dois Cls na mesma oração. (“clitic cluster”).

Essas restrições no PB têm a ver com o estatuto categorial dos clíticos, com a natureza da posição para a qual se movimentam, com o tipo de movimento que realizam e com o movimento do verbo.

1.1. Natureza do Cl

Rizzi (1993), Belletti (1995) e Uriagereka (1995) associam os Cls acusativos de 3^a pessoa a um determinante (D °), especialmente no que diz respeito às naturezas do Cl e do determinante, associação que decorre da semelhança entre esses clíticos e os artigos definidos.

O quadro a seguir, sobre Cls e determinantes do PB, mostra essa semelhança.

	CLÍTICOS	DETERMINANTES
masc./ sing.	o	o
fem./ sing.	a	a
masc./ plural	os	os
fem./plural	as	os

Segundo Rizzi e Belletti, há diferenças entre eles, apesar da sua aparente igualdade.

Essa diferença diz respeito aos traços casuais, pois enquanto os determinantes não têm variação de Caso, os Cls apresentam formas diferentes para os diferentes Casos.

Os Cls **me, te, se, lhe (s)** são ambíguos quanto ao Caso, já que podem desempenhar a função tanto de objeto direto (acusativo) quanto de objeto indireto (dativo). Porém, os Cls **o (s), a (s), lo (s), la (s)** são puramente acusativos.

Ao contrário dos determinantes, os Cls manifestam traços de pessoa, tal como mostra o quadro a seguir:

1 ^a pessoa	2 ^a pessoa	3 ^a pessoa
me, nos	te	o, a, lhe, se

Para cada pessoa há uma forma diferente, paralelamente ao sistema de pronomes não clíticos.

No PB, o sistema de Cls envolve elementos com estatutos diferentes, afirmação verificável a partir do fato de eles não se distribuírem de forma homogênea. Em construções com dois ou mais verbos adjacentes, os Cls **o (s), a (s)** não se posicionam como os Cls **me, te, se, lhe (s)** e **nos**.

Assim, no PB, os Cls apresentam comportamentos diferentes no que diz respeito ao posicionamento. Os Cls [- e] não são da mesma natureza que os Cls [+ e] já que a colocação daqueles não segue as diretrizes destes. Observe os exemplos abaixo:

- 1 . a . Ela vai **me** encontrar no próximo final de semana.
- b . * Ela vai **o** encontrar no próximo final de semana.
- c . * Maria vai encontrar- **o** no próximo final de semana.
- d . Maria vai encontrá **-lo** no próximo final de semana.
- e . * Maria vai encontrá **- me** no próximo final de semana.

O Cl **o**, ao contrário dos outros Cls, não pode ocorrer antes de verbos infinitivos. Porém, o CL **o** pode ocorrer depois de infinitivo com onset superficializado, enquanto que o Cl **me** não desencadeia alteração morfológica alguma.

Algum movimento os Cls no PB fazem, isto é, pelo menos saem da posição de base do objeto. Na sua proposta, Uriagereka (1995) distingue os Cls de 1ª e 2ª pessoa, por ele chamados de fortes, dos de 3ª pessoa, por ele chamados de fracos, única parte da proposta a ser tomada em consideração. Eles têm estatutos diferentes e a posição para a qual eles se movem também é diferente. Além disso, o lugar de pouso dos Cls [- e], especialmente em orações com dois ou mais verbos adjacentes, também é diferente da posição dos Cls [+ e] .

Portanto, pode-se assumir com Rizzi, Belletti e Uriagereka, que os clíticos são elementos do tipo D. No entanto, o seu estatuto de núcleo ou de sintagma parece depender da pessoa do discurso que o clítico representa.

No entanto, dizer simplesmente que Cls de 1ª e 2ª pessoas são DPs enquanto Cls de 3ª pessoa são Ds não é suficiente para explicar a diferença entre os Cls [+ e] e [- e] no PB, já que no ERP também temos clíticos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mas nem por isso a colocação desses elementos obedece ao padrão que aparece em (1) no PB.

1 . 2 . O movimento e a posição de pouso dos Cls

Kayne (1991) defende a idéia de que o Cl se adjuge à esquerda de um núcleo funcional. Essa hipótese é válida no PB

para sentenças com um só verbo finito, pois tanto os Cls [+ e] quanto os [- e] ocorrem com o verbo finito se adjungindo à esquerda do núcleo funcional ao qual o verbo está adjungido. Porém, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, os Cls [+ e] encontram-se à esquerda do núcleo que não carrega a flexão.

Embora a hipótese de Kayne não explique os dados do PB, surge a solução no Programa Minimalista, já que neste quadro teórico o Cl se move para o Spec da projeção de AgrO a fim de checar o seu traço de Caso ⁷, uma vez que ele não se move para além da sua projeção. Tendo em vista este argumento, é possível postular que, em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, o Cl [+ e] permanece em AgrO. Dessa forma, o Cl está adjungido à esquerda do núcleo funcional Agr^o onde o verbo faz a sua checagem de traços.

Todavia, os Cls [- e] não obedecem a essa restrição; cliticizam-se em uma posição mais alta na estrutura da oração.

Segundo Belletti (1995) e Rizzi (1993), os Cls do francês e do italiano movem-se para além de AgrO. No PB, o movimento é desencadeado somente em três situações :

- em sentenças com um único verbo finito.

- 2 . a . Eu o vi.
- b . Ele me viu.

- Cls o/a (s) com verbos finitos em sentenças com dois ou mais verbos adjacentes.

- 3 . a . ?? Ela o vai convidar.
- b . ?? Ela o estava convidando.

- Em contextos não-finitos em que a ênclise é licenciada com Cls a/o.

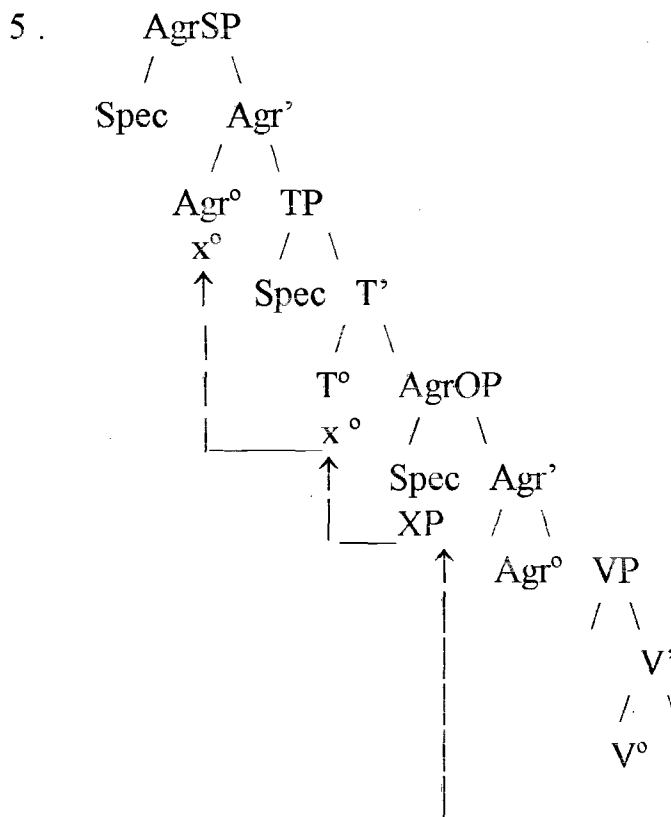
⁷ É possível afirmar que os clíticos têm traços N fortes, em particular o traço de Caso, já que o movimento deles é obrigatório. Essa afirmação encontra respaldo na diferenciação casual ainda presente nos clíticos das línguas românicas.

- 4 . a . ? Ela vai convidá-lo.
 b . ? Ela está convidando- o.

Para saber como se dá o movimento de Cl sustenta-se a hipótese de Sportiche (1992), de acordo também com o que diz Uriagereka : o movimento do Cl se faz em parte como projeção máxima e em parte como núcleo.

Como projeção máxima, o Cl se move de sua projeção temática, no VP, para o Spec da projeção AgrO onde é feita a checagem de Caso. A partir dessa posição, o Cl se move para um núcleo e se cliticiza a uma forma verbal como aparece na sintaxe visível.

Para Belletti e Rizzi, o Cl deixa a projeção AgrO porque esta posição não é suficiente para a checagem dos traços do Cl. A representação a seguir (Rizzi, 1990), citado por Silveira (1997) está de acordo com esses argumentos :



Aqui, o Cl é um elemento misto, já que ele se move como XP e como X^o. Ao se transformar em núcleo, ele não deixa de passar pelas outras posições nucleares intermediárias obedecendo à Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990).

Para o PB, a hipótese acima só é relevante para as orações com um só verbo finito, pelo fato de o Cl aparecer adjacente ao verbo. Nas orações com dois ou mais verbos adjuntos, a projeção de AgrO é suficiente para checagem dos traços dos Cls com rima [+ e], pois eles não se movem para além dessa projeção; mas com os Cls com rima [- e] essa restrição não é obedecida. Eles se cliticizam em uma posição mais alta na estrutura da oração, como de fato o fazem os clíticos das outras línguas românicas.

Portanto, duas teorias podem ser tidas em consideração : a formulada por Rizzi e Belletti, para quem existe uma diferença importante no comportamento dos Cls em orações com dois ou mais verbos, relacionada ao fato de os Cls serem [+ e] e [- e] : enquanto os Cls [+ e] se movem como DPs, como no exemplo em (6), a seguir :

6 . Ele tinha [me visto].

Os Cls [- e] o fazem primeiro como DPs e depois como núcleos, segundo é possível observar no exemplo a seguir :

7 . Ele [o tinha] visto .

Porém, se se observam as orações com um só verbo, existe uma contradição no dito acima pois tanto os Cls [+ e] quanto os Cls [- e] se movem como DPs e depois como D, tal como aparece nos exemplos, a seguir, em (8) :

8 . a . Eu [o vi] .
b . Ele [me viu] .

A segunda teoria, formulada por Uriagereka, baseia-se na diferença que observa entre os pronomes fortes (1^a e 2^a pessoas)

e os pronomes fracos (3^a pessoa). Quando fortes, os Cls movem-se primeiro como sintagmas e depois como núcleos (DP + D); quando fracos, os Cls se movem apenas como núcleos. A hipótese de Euriagereka dá assim algum suporte para explicar a diferença de comportamento dos Cls no PB. Resta, no entanto, um ponto a explicar: por que os Cls [+ e] contentam-se com Spec Agr_o em tempos compostos do PB mas não nas outras línguas românicas ?

1.3. A ordem do Clítico

Nas línguas românicas (e dentre elas o PB), o Cl gira em torno do verbo , seja em próclise, seja em ênclise.

1.3.1. Próclise

Aproveitaremos as análises de Rizzi (1993) e Belletti (1995) que argumentam que o verbo finito se complementa morfologicamente em AgrS, ou seja, que ele checa seus traços morfológicos de Tempo e Concordância em uma posição acima de AgrO. O Cl só pode ocorrer à esquerda desse verbo finito; portanto, as análises dos autores citados explicam a colocação dos Cls em sentenças com um só verbo finito em PB, onde só a próclise é licenciada. Porém, a análise acima não dá conta das orações com dois ou mais verbos adjacentes, onde a próclise ocorre com relação ao verbo não-finito mais baixo.

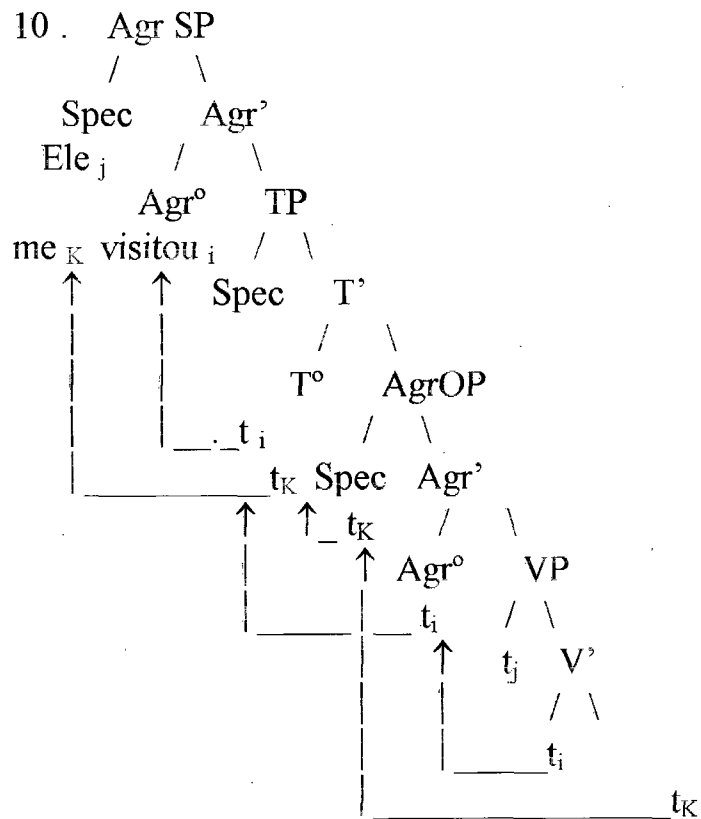
1.3.1.1. Próclise nas orações com um só verbo finito

Em orações com um só verbo finito , os dois tipos de Cls , tanto [- e] quanto [+ e], ocorrem antes dele, tal como mostram os exemplos a seguir :

- 9 . a . Ele **me** visitou no hospital.
- b . * Ele visitou - **me** no hospital.
- c . Ele nunca **o** visitou no hospital.
- d . * Ele nunca visitou - **o** no hospital.

O movimento do Cl [+ e] se dá de duas formas : como projeção máxima e como núcleo, segundo Rizzi (1993) e Belletti (1995).

Como projeção máxima, o Cl se move para o Spec de AgrO onde checa o seu traço de Caso. Depois se move como núcleo, passando por T° e se adjunge à esquerda do núcleo de AgrS, posição para onde o verbo finito deve se mover para checar os seus traços de Concordância. Dessa forma desencadeia-se a próclise, tal como aparece no esquema de (10) a seguir (extraído de Silveira (1997)):



O Cl não pode ocorrer depois do verbo finito, já que este verbo não se move para uma posição mais alta que Agr_s na estrutura da oração que é, segundo os autores (Rizzi e Uriagereka), a única maneira de se obter ênclise, sendo desobedecida no PB a Lei Tobler - Mussafia.

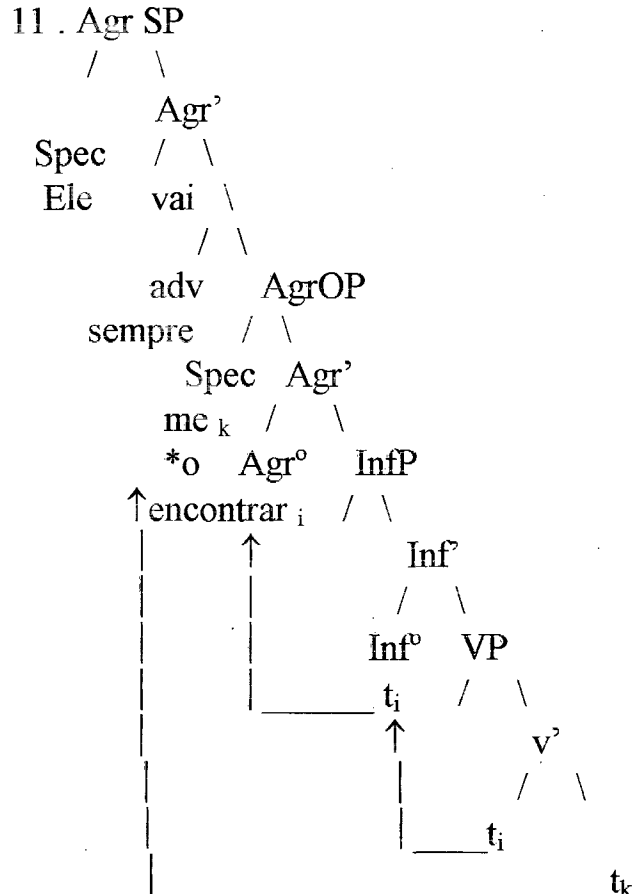
Esse tipo de argumento também justifica a próclise em posição inicial absoluta no PB, pois o verbo finito não se move

para uma posição mais alta na estrutura da oração em nenhum tipo de construção.

1.3.1.2. Próclise nas orações com dois ou mais verbos adjacentes

Em construções com CI [+e], em que ocorre próclise ao verbo não-finito mais à direita do conjunto, postula-se que o CI se move como projeção máxima até o Spec de AgrO e permanece lá. Depois, o verbo mais baixo se move para o núcleo de AgrO e se desencadeia a concordância Spec - núcleo. Desta forma, o CI ocupa o Spec de AgrO e o verbo principal lexical, seja ele infinito, gerúndio ou particípio, ocupa o núcleo da mesma projeção. No esquema em (11), a seguir, aparece o que foi dito acima, além de situar-se convenientemente o advérbio em uma posição acima do Spec de Agro, fornecendo a seqüência linear AUX - ADV - CL - VERBO LEXICAL.

Por outro lado, observe-se que os CI [+e] são possíveis nessa posição, mas não os CI [-e].



O verbo no infinitivo, em construção com próclise, não realiza nenhum movimento suplementar.

Só o Cl [+ e] pode ser licenciado no Spec de AgrO, já que pelo fato de eles serem Cls fortes podem permanecer nessa posição. Mas os Cls [- e] jamais podem ocorrer em tal posição nas orações com dois ou mais verbos adjacentes devido a esse tipo de Cls mover-se como núcleo, não podendo dessa forma ocupar uma posição de especificador.

Ou seja, no PB, nas sentenças com dois ou mais verbos adjacentes, a cliticização acontece em AgrO com Cl [+ e], já que o Cl fica em próclise ao verbo infinitivo. Por outro lado, para o Cl [- e] essa posição é impossível, o que será discutido na próxima seção.

1. 3 . 1 . 3 . Contextos impróprios para a próclise

A próclise ao verbo mais baixo em seqüência de verbos é a regra geral do PB; porém, há duas situações em que ela não é permitida.

Na primeira situação, o Cl [- e] não ocorre com verbos não finitos em contextos com dois ou mais verbos adjacentes :

- 12 . a . * Ele vai **o** encontrar naquele bar.
 b . * Ele está **o** encontrando naquele bar.
 c . * Ele tinha **o** encontrado naquele bar.

O Cl **o** é fraco e por isso não pode ocupar o Spec de AgrO, sendo obrigado a se mover para posições mais altas , posicionando-se em próclise ao verbo auxiliar:

- 13 . a . ? Ele **o** vai encontrar.
 b . ? Ele **o** está encontrando.
 c . ? Ele **o** tinha encontrado .

Assim, para os Cls [- e], só a posição Agr_s^o, lugar ocupado pelo auxiliar, é possível, fornecendo resultados marginais.

Na segunda situação, não pode ocorrer próclise em construções passivas, pois nenhum Cl pode ocorrer em próclise ao particípio passivo.

14 . a . * Estes livros foram **me** doados.

b . * Estes livros estão sendo **me** doados.

Nessas construções, uma hipótese é a de que a presença do Cl em Spec de AgrO impediria a passagem do objeto profundo quando ele se torna sujeito superficial. Essa hipótese assume que AgrOP é projetado mesmo quando não há Caso Acusativo disponível, já que as construções passivas sempre exibem concordância entre o particípio e o objeto profundo que se torna sujeito .

Uma outra análise para o mesmo fenômeno é que em frases passivas AgrOP não é projetado exatamente porque não há Caso Acusativo disponível e, assim, o Cl deve se cliticizar obrigatoriamente ao verbo finito.

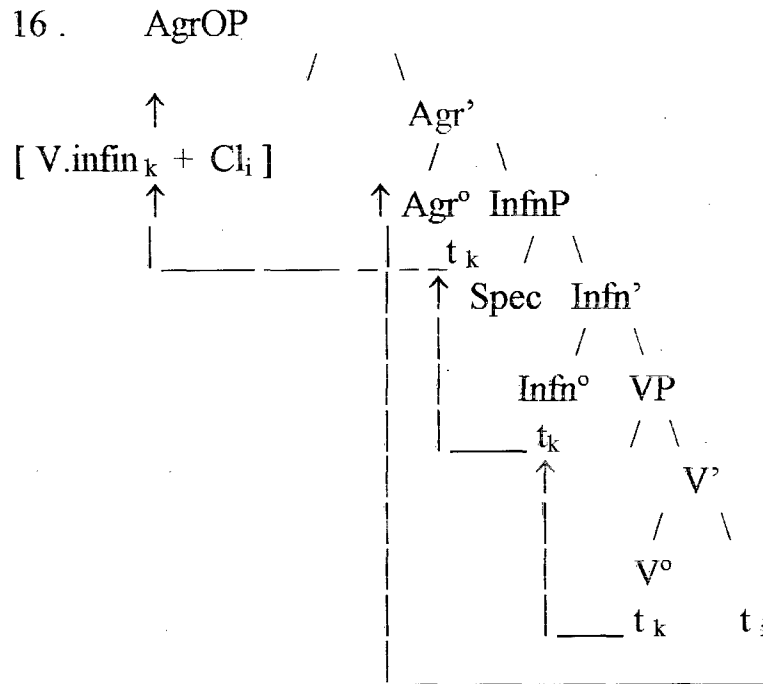
15 . a . ? Estes livros **me** foram doados.

b . ? Estes livros **me** estão sendo doados.

1 . 3 . 2 . Ênclise

Rizzi (1993) e Belletti (1995) argumentam que a checagem morfológica de verbos infinitivos é realizada abaixo de AgrO, em InfP, onde o verbo faz a sua checagem da morfologia infinitiva. Esse verbo posteriormente realiza um movimento suplementar a fim de checar traços abstratos acima de AgrO⁸. O verbo passa por essa posição levando junto o Cl, desencadeando dessa forma a ênclise. A árvore, a seguir, em (16) mostra a estrutura da ênclise. (Silveira, 1997: 89)

⁸ Belletti (1995) não deixa claro que traços abstratos seriam esses que devem ser checados pelo verbo infinitivo em AgrS.



No PB temos duas situações com verbos infinitivos : no caso de Cl [- e], temos ênclise ao infinitivo; no caso de Cl [+ e], temos próclise ao infinitivo.

Assim, parece possível afirmar que os Cls [- e] são D⁰ e ocupam AgrO⁰ e os Cls [+ e] são DPs e ocupam Spec AgrOP; estes últimos se cliticizam em próclise ao verbo infinitivo como o fazem sobre o verbo finito.

1 . 4 . Impossibilidade de dois Cls ocorrerem em uma mesma sentença

O PB não admite a possibilidade de dois Cl ocorrerem na mesma oração, ainda que adjungidos em posições diferentes.

- 17 . a . * Ele **mo** tinha dado .
 b . * Ele **o** tinha **me** dado .

Sportiche (1992) chamou a atenção para o fato de que a combinação de clíticos de 1^a e 2^a pessoas é impossível (cf. seção 1 . 2 da primeira parte do terceiro capítulo).

O PB tem basicamente esses dois Cls em uso produtivo, o que explicaria de imediato a ausência de “clusters” nesta língua. No entanto, marginalmente, os Cls *a, o, as, os* ainda são possíveis no PB, mas os “clusters” com esses Cls são absolutamente impossíveis.

Pode-se aventar a hipótese de que a combinação de um Cl [- e] e outro [+ e] é impossível no PB porque esses elementos são de natureza distinta, sofrendo movimentos distintos e incompatíveis em PB. Por outro lado, a impossibilidade de (17 b) deve ser atribuída a alguma restrição universal com respeito à formação mesma dos “clusters”.

1.5. Conclusão

Por apresentarem estatutos diferentes, os Cls se submetem a movimentos diferentes e sua posição de pouso também é diferente.

Em orações com um só verbo finito, os Cls [+ e] movem-se primeiro como projeção máxima e como núcleo. Como projeção máxima, o fazem para Spec de AgrO e a partir dessa posição se movem como núcleo e se cliticizam à esquerda do verbo finito; já os Cls [- e] movem-se só como núcleo.

Em orações com dois ou mais verbos adjacentes, os Cl [+ e] movem-se como projeção máxima para Spec de AgrO e lá permanecem, pois a próclise acontece com o verbo não-finito mais baixo ; os Cls [-e] movem-se como núcleo.

Portanto, a cliticização ocorre em AgrS com verbo finitos e em AgrO com verbos não-finitos.

SEGUNDA PARTE

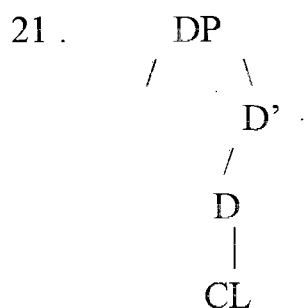
2. ANÁLISE PARA O CL NO ERP

Vimos na seção anterior as propriedades básicas dos Cls no PB. Nesta seção, analisaremos as construções do ERP, que apresentam as seguintes peculiaridades:

Essas características gerais no ERP têm a ver com o estatuto categorial, com a natureza da posição para a qual se produz o movimento, com o tipo de movimento que eles realizam e ainda com o movimento do verbo.

2 . 1 Estrutura e movimento

Belletti (1995) assume que o Cl acusativo de 3^a pessoa pertence à categoria D^o, sendo a sua estrutura a que aparece a seguir:



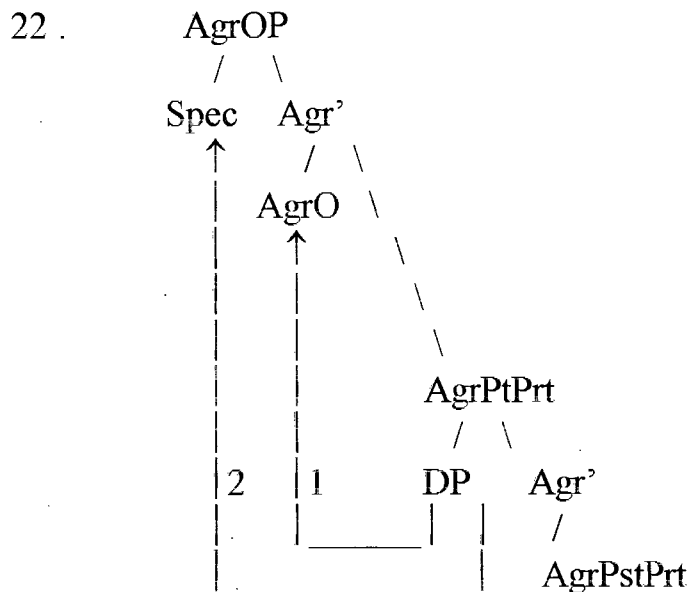
Belletti assume que :

- os Cls se movem na sintaxe por terem traços de Caso fortes para checagem;
- o lugar de pouso desse movimento é dentro da projeção AgrO;
- os Cls podem ter movimento X para o núcleo AgrO ou movimento XP para Spec AgrOP .

Segundo a autora, um traço forte é neutralizado na relação de concordância Spec / núcleo, mas na estrutura dos Cls em (21) nada poderia se mover de dentro do DP para a posição de Spec para neutralizar os traços fortes de Caso presentes no núcleo clítico D. Além do mais, tal movimento não checaria os traços de Caso pois o lugar apropriado para essa checagem é AgrO. Portanto, o DP Clítico forte move-se na sintaxe para a posição apropriada de checagem dentro de AgrO .

Observe-se que é necessário assumir que os Clíticos se movem inicialmente como projeção máxima, pois um núcleo Clítico não poderia mover-se diretamente ao seu lugar de pouso em AgrO, como também não poderia mover-se ciclicamente para seu lugar de pouso. Assim, deve-se assumir que como não há

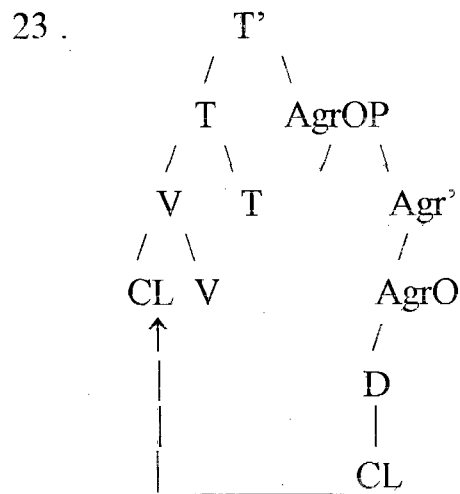
forma de ele se mover como núcleo, primeiro o faz como projeção máxima e mais tarde na derivação mover-se-á como núcleo já incorporado ao verbo, tal como o mostra a árvore, a seguir, em (22):



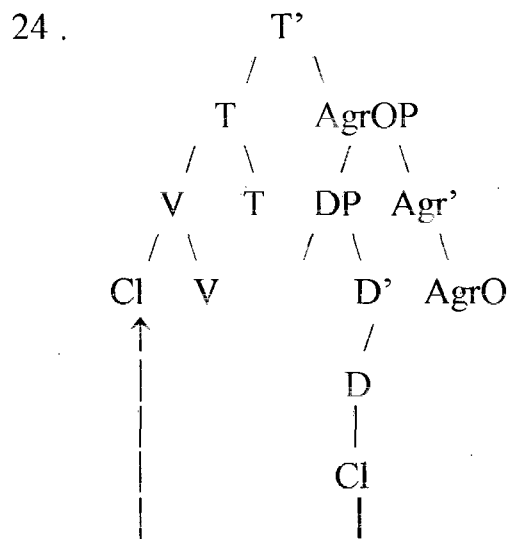
Um movimento direto do Cl para AgrO violaria a Restrição de Movimento de Núcleo (HMC) e o movimento clítico impediria a checagem da morfologia verbal e exigiria a exorporação do Cl do complexo formado na projeção do participio, no caso de um tempo composto.

O movimento do Cl deve continuar e não acabar em AgrO; já que AgrO não é um núcleo forte de projeção de Caso, não pode conter material que necessite de interpretação em PF.

O Cl se une a V, que não está no AgrO, mas no núcleo funcional T, como aparece no esquema em (23), a seguir (cf. Belletti (1995) árvore (10)):



O Cl também poderia sair de Spec AgrO, e de lá se mover primeiro como projeção máxima e depois como núcleo, tal como aparece no esquema em (24), a seguir, (árvore (11) de Belletti (1995)):



2. 2 Construções com redobramento de clítico

O espanhol, em suas diferentes variedades, permite ou requer obrigatoriamente que os Cls acusativos ou dativos sejam redobrados por um sintagma nominal lexical. Exemplos desse

fenômeno aparecem nas orações em (25), a seguir, (extraídas de Belletti, 1995):

25 . a . Lo vimos a él.
 (Cl acusat.) (DP acusat.)
 (Nos vimos ele.)

b . Lo vimos a Juan.
 (Cl acusat.) (DP acusat.)
 (Nos vimos o João .)

c . Miguelito le regaló un caramelo
 a Mafalda.
 (Cl dat.) (DP acusat.) (DP
 dat.)
 (Miguelito Cl dat. deu de presente uma
 bala para Mafalda .)

Surgem imediatamente as seguintes perguntas :

- como um único argumento pode ter duas realizações diferentes (Cl / DP) ?
- como dois elementos diferentes correspondem a uma mesma origem ?

Essas questões são vistas a partir de dois ângulos diferentes :
 Caso e papel temático, ou seja :

- como podem tanto Cl quanto DP ser casualmente marcados ?
- como ambos são tematicamente interpretados ?

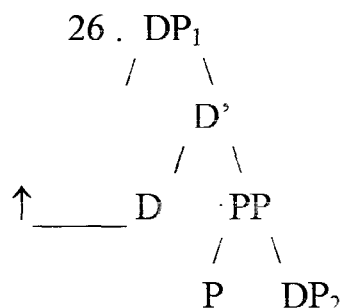
Uma resposta da literatura diz que o Cl poderia, desde o ponto de vista temático, ser visto como expletivo, portanto como um elemento que não necessita de papel temático.

Para o problema do Caso é conhecida a “Generalização de Kayne”, que diz que os Cls carregam o mesmo Caso que seria atribuído ao complemento verbal correspondente e o argumento lexical recebe Caso atribuído pela preposição dummy a no espanhol. Uma construção com redobramento de Cl só é possível

numa língua que contenha um marcador de Caso extra para atribuir Caso para o argumento lexical⁹

Para dar conta do caso em que dois elementos aparecem correspondendo a uma única origem, a resposta consiste em assumir que o Cl é gerado na base na posição superficial de clítico e que o argumento lexical é o único elemento que preenche a posição temática de complemento na estrutura inicial.

Porém, Belletti (1995) propõe que numa estrutura de redobramento de Cl, o Clítico D^0 tem um complemento da forma que aparece no esquema em (26), a seguir :



onde D^0 de DP_1 é o Cl e o complemento PP corresponde ao argumento lexical redobrado.

A estrutura com redobramento de Cl envolve a sintaxe comum para um Cl, isto é, o movimento que vai adjungi-lo ao verbo, deixando o seu complemento PP na posição de base.

A Generalização de Kayne é assumida por desempenhar um papel crucial, pois o essencial para que uma construção com redobramento de Cl ocorra é a existência de um marcador de Caso para o complemento do D^0 Clítico, já que somente nessa circunstância o complemento pode ser foneticamente realizado. (mas ver nota 10, um caso não discutido por Belletti.)

Através do esquema em (26) é possível resolver o problema temático. Pode se observar diretamente que DP_1 e DP_2 compartilham o mesmo papel theta em virtude de preencherem a mesma posição temática na oração.

A questão da preposição no caso de (26) necessita uma discussão maior. O DP objeto direto checa o seu Caso em Spec

⁹ A Generalização de Kayne tem problemas para explicar dialetos em que há o redobramento mas não o marcador dummy de Caso., como, por exemplo, nos dialeto de ERP falado no Uruguai (cf. Groppi, 1997)

AgrO em LF no espanhol. O DP complemento de uma preposição checa o seu no Spec de PP também em LF. Então, como é que um argumento lexical de uma construção com redobramento de Cl, o DP₂ da estrutura de redobramento apresentado em (26), não pode checar o seu Caso em LF na forma de um objeto direto? Se isso fosse possível, as sentenças a seguir em (27) seriam gramaticais, mas não o são:¹⁰

27. a. * Lo vimos él.
 (Nos Cl acusat. vimos ele.)
 b. * Lo vimos Juan.
 (Nos Cl acusat. vimos o João.)

O Cl D⁰ se move para AgrO na sintaxe, mas abandona essa posição na sintaxe já que se presume que AgrO não pode entrar em LF contendo material para ser foneticamente interpretado.

O movimento do Cl tira de AgrO seus traços de Caso, o que faz pensar que a projeção AgrO não poderia funcionar mais como uma posição para checar Caso. Dessa forma, a presença da preposição na estrutura de redobramento permite ao argumento redobrado checar o seu Caso dentro de PP, sem necessidade de se mover para o Spec de AgrOP. Assim, o DP₂ checa o seu Caso em LF no Spec de PP como geralmente acontece com complementos de preposição.

Os dativos não colocam problemas de Caso, posto que sempre são preposicionados. O problema da função temática pode ser resolvido da mesma maneira que foi sugerida para os acusativos, o do redobramento dos Cls dativos é, na verdade, a sua obrigatoriedade quando o DP lexical é um pronome oblíquo:

28. a. Le dió el libro (a él).
 (Ele Cl dat. deu o livro (a ele.))
 b. * Dió el libro a él.
 (Ele deu o livro para ele.)
 c. ¿ Dió el libro a Juan ?
 (Ele deu o livro para o João ?)

¹⁰ Pelo menos não no dialeto em discussão aqui.

Não acontece o mesmo quando a forma não-finita é um particípio. Não há cliticização possível com particípio, como mostram os exemplos agramaticais em (30), a seguir :

30 . a . Concluída la tarea, María salió de la sala.
(Acabada a tarefa, a Maria saiu da sala.)

b . * Concluídala, María salió de la
sala.
(Acabada Cl acusat. a Maria saiu da
sala.)

Nos tempos compostos, que envolvem um auxiliar e um particípio passado, o Cl precede o auxiliar finito, no espanhol, como aparece nos exemplos em (31), a seguir:

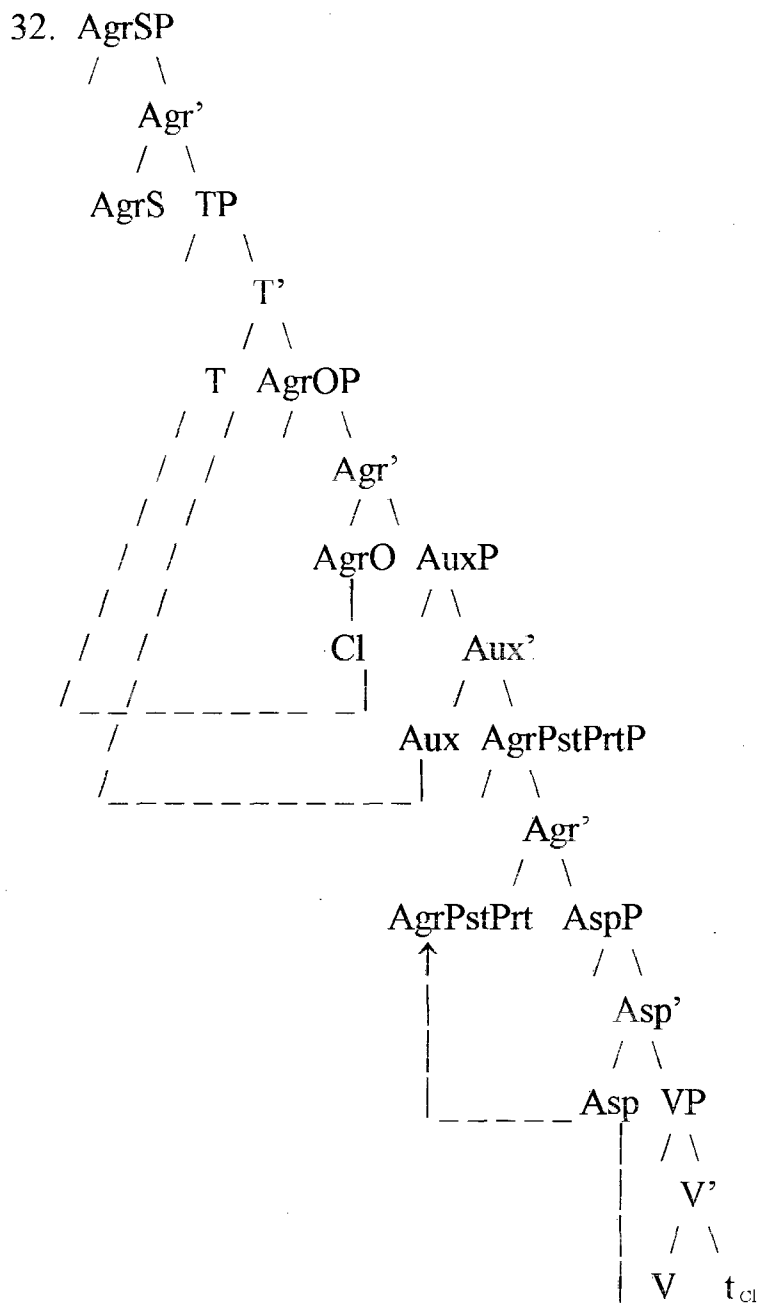
31 . a . Yo lo había visto la semana
pasada.)
(Eu Cl acusat. tinha visto a semana.
pasada.)

(Eu o tinha visto a semana pasada.)

b . * Yo había lo visto la semana
pasada.
(Eu tinha Cl acusat. visto a semana
pasada.)

Nesse tipo de sentença, um Agr Pst Prt deve estar presente, já que um verbo com morfologia de particípio passado está presente. Nela, também há um auxiliar com tempo e, por ser necessária a checagem da sua própria morfologia, a próclise é produzida como em todos os casos que envolvem morfologia de verbos finitos. O verbo lexical finaliza o seu movimento na mesma posição onde finaliza a checagem da sua morfologia ou seja, em Agr Pst Prt.

Belletti (1995) assume que a estrutura de uma oração envolvendo cliticização e que contém um tempo composto, ou seja, aquele formado por um auxiliar e um particípio passado do verbo, é a que aparece, a seguir, em (32) (árvore (2) de Belletti (1995):



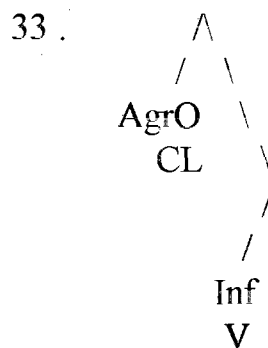
Já foi assumido que o Cl, no espanhol, move-se para o núcleo AgrO e depois continua o movimento para cima. Também foi assumido que na estrutura final o Cl acaba adjungido ao verbo, pois este preenche o núcleo funcional onde conclui a sua checagem morfológica, AgrS, nas orações com verbo finito. O Cl se adjunge ao verbo dentro do núcleo funcional T, segundo Belletti; como a adjunção se dá à esquerda, produz-se a próclise.

O verbo não pode atravessar o núcleo AgrO levando o Cl com ele em seu movimento para T e AgrS porque a checagem da morfologia verbal não pode ser realizada devido à presença do Cl

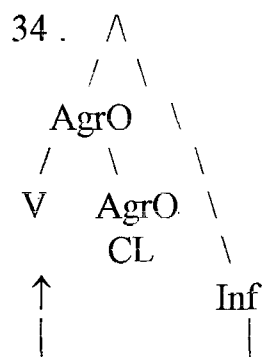
dentro de AgrO. Portanto, a próclise em orações finitas é produzida pela adjunção do Cl ao verbo, não pela adjunção do verbo ao clítico.

Porém, há casos em que o verbo pode passar através do núcleo AgrO contendo o Cl. Isto só é possível quando o pouso não interferir com a checagem da morfologia verbal, isto é, quando essa checagem já foi realizada abaixo de AgrO. Esse é o caso de orações nas quais o verbo está na forma não-finita.

Segundo Kayne (1991) citado por Belletti, nas estruturas infinitivas está presente um núcleo funcional Inf, onde é realizada a checagem da morfologia infinitiva. Nessa estrutura, o Cl preenche uma posição mais alta que o verbo como aparece no esquema, a seguir, em (33) (esquema (23) de Belletti 1995):



Já que a checagem da morfologia verbal é realizada em Inf, e o verbo deve continuar o seu movimento para uma posição mais alta do que AgrO, ele deve passar através de AgrO levando o Cl com ele no seu movimento para cima. Assim, o núcleo funcional que contém o V se adjunge ao Cl; seguindo a hipótese de adjunção à esquerda, produz-se a ênclise, tal como aparece no esquema em (34), a seguir, (o esquema (24) de Belletti 1995)



Ou seja, quando o verbo pode levar com ele o Cl, atravessando AgrO, produz-se ênclise.

2.4. Ênclise e Modo Imperativo

Da mesma forma que em outras línguas românicas, as orações imperativas afirmativas exigem ênclise no espanhol.

Dada a morfologia reduzida das imperativas, Belletti (1995) supõe que T e AgrS não entram no processo de checagem da morfologia verbal imperativa; a checagem dessa morfologia é realizada abaixo de T e AgrS.

A autora assume a presença de um Operador Imperativo na área periférica da sentença. A função desse operador seria ligar uma categoria vazia preenchendo a posição sujeito da oração imperativa, atribuindo-lhe o valor correspondente à 2ª pessoa do singular ou do plural.

O operador, ligando a posição sujeito, pode preencher a posição Spec A- barra de algum núcleo relevante em CP .

O fato de preencher uma posição A- barra parece aproximar a estrutura imperativa de outras estruturas, como as interrogativas e negativas, que estão submetidas respectivamente ao Critério - Wh (Rizzi, 1991) e o Critério negativo (Rizzi, 1991) e Haegeman (1992).

Temos assim o Critério Imperativo que diz “Um operador Imperativo deve estar na relação Spec / núcleo com um núcleo imperativo e vice-versa.

Dado esse Critério, é natural afirmar que os traços de Imperativo estão localizados no núcleo verbal com a existência de algum tipo especial de morfologia imperativa.

Vejam os que acontece com as estruturas que contêm o Cl dentro de AgrO. Já que a checagem da morfologia verbal é realizada em uma posição baixa da oração, nada evita que o verbo atravesse AgrO e leve o Cl com ele em seu caminho para o seu núcleo relevante C. Sendo o verbo quem se adjunge ao núcleo que carrega o Cl, produz-se a ênclise.

35 . a . Pídelo y te lo daré.
(Pede-o e eu te Cl acusat. darei .)

- b. Pídemelo y te lo daré.
 (Pede Cl dat Cl acusat. e eu te Cl acusat.
 darei.)

A forma de Imperativo negativo não aparece no paradigma das conjugações verbais do espanhol. Porém, como a forma usada para a conjugação de um verbo no imperativo negativo é a mesma que para o subjuntivo, a colocação dos Cl nesse tempo verbal é a mesma dos verbos finitos: a próclise, tal como aparece nos exemplos em (36), a seguir:

- 36 . a . No me pidas perdón .
 (Não me peças perdão .)
 b . No se lo pidas porque es
 inútil .)
 (Não Cl dat. Cl acusat. peças porque é
 inútil .)
 (Não lhe peças isso porque é inútil .)

2 . 5 Clitic Climbing

O ERP permite o que em literatura se chama de “Clitic Climbing” ou seja, de subida de clíticos.

Nas perífrases verbais temporais, aspectuais ou modais (construções com dois ou mais verbos adjacentes, um deles finito e o outro na forma de gerúndio ou infinitivo), os Cls podem aparecer junto dos verbos que lhes atribuírem papel temático (37 a) ou podem aparecer à esquerda do verbo finito (37 b) :

37. a . V_{finito} V CL
 b . CL V_{finito} V

como é possível observar nos exemplos, a seguir, em (38)

- 38 . a . **Te** voy a contar una historia .
 (Cl dat. Eu vou contar uma estória .)
 (Eu vou te contar uma estória .)
- a' . Voy a **contarte** una historia .
 (Eu vou contar Cl dat. uma estória .)
 (Eu vou te contar uma estória .)
- b . Así que lleguen **los** van clasificando .
 (Assim que chegar Cl acusat. vão classificando .)
 (Assim que chegar os vão classificando .)
- b' . Así que lleguen van clasificándolos .
 (Assim que chegar vão classificando Cl acusat.)
 (Assim que chegar os vão classificando)
- c . Ellos **la** acaban de partir .
 (Eles Cl acusat. acabam de partir .)
 (Eles acabam de partí-la .)
- c' . Ellos acaban de **partirla** .
 (Eles acabam de partir Cl acusat.)
 (Eles acabam de partí-la .)
- d . Desde que entró, **lo** comenzó a pedir .
 (Assim que ele entrou, Cl acusat começou a pedir .)
 (Assim que ele entrou, começou a pedí-lo .)
- d' . Desde que entró comenzó a pedir**lo** .
 (Assim que ele entrou começou a pedir Cl acusat .)
 (Assim que ele entrou começou a pedí-lo .)
- e . ¿ Qué **me** puedes decir al respecto ?
 (Que tu Cl dat. podes dizer sobre isso ?)
 (Que tu podes me dizer sobre isso ?)
- e' . ¿ Qué puedes decir**me** al respecto ?

- (Que tu puedes dizer Cl dat sobre isso ?)
 (Que tu puedes me dizer sobre isso ?)

Tanto cada Cl isoladamente quanto os “clusters” de Cls podem ocupar as duas posições facultativamente: em próclise ao verbo finito ou em ênclise ao infinitivo e gerúndio, como mostra a gramaticalidade dos exemplos, a seguir, em (39):

- 39 . a . Fui a contá**rtelo** así que lo supe.
 (Eu fui contar Cl dat. Cl acusat quando eu Cl acusat soube.)
- a' . **Te lo** fui a contar así que lo supe.
 (Eu Cl dat. Cl acusat. fui contar quando eu soube.)
 (Eu te contei isso assim que soube.)
- b . Podríamos decí**rselo** ahora mismo.
 (Nos poderíamos dizer Cl dat. Cl acusat. agora mesmo.)
 (Nos poderíamos lhe dizer isso agora mesmo.)
- b' . **Se lo** podríamos decir ahora mismo.
 (Nos Cl dat. Cl acusat. poderíamos dizer agora mesmo.)
 (Nos poderíamos lhe dizer isso agora mesmo.)
- c . Quieren pedí**rnoslo** por teléfono.
 (Eles querem pedir Cl dat Cl acusat. por telefone.)
 (Eles querem nos pedir isso por telefone.)
- c' . **Nos lo** quieren pedir por teléfono.
 (Eles Cl dat Cl acusat. querem pedir por telefone.)
 (Eles querem nos pedir isso por telefone.)

Groppi (1997) afirma que isto é possível porque o movimento do Cl, que sai da posição de argumento e vai se adjungir ao verbo, deixa um vestígio. Esse vestígio é uma anáfora e isso determina as possibilidades de movimento do Cl. Da mesma forma que nas sentenças simples, o verbo se move primeiro a V e depois a T, sempre com a flexão. Não existe violação do Princípio A, já que Cl e vestígio estão no CFC (Complexo Funcional Completo) e, supõe-se, há um processo de reestruturação nessas construções.

Quando em uma sentença, além de um verbo finito existe um outro infinitivo, há só um CFC para anáfora, o que permite o movimento do Cl nesse domínio. O sujeito acessível é a flexão contida no V finito, exclusivamente, pois o infinitivo não possui flexão em espanhol.

O Cl sobe até a categoria funcional onde se encontra o V finito e a anáfora (o vestígio do Cl) continua ligada dentro de CFC sem violar o princípio A da Teoria da Ligação.

Observe-se que as construções em (38) e (39) são construções de controle. “Climbing” é possível quando as duas formas verbais apresentam uma derivação que constitui um único CFC para o vestígio do Cl, como também um só sujeito acessível .

Nelas existe um PRO sujeito de forma verbal não finita (gerúndio e infinitivo), interpretado como co-referente ao sujeito matriz.

Porém, existem sentenças na língua que são interpretadas como possuindo dois sujeitos diferentes para os verbos diferentes. Nelas, o argumento objeto da frase matriz recebendo Caso acusativo não é senão o sujeito da oração subordinada. Isto é o fenômeno chamado de Atribuição Excepcional de Caso (ECM) que acontece com verbos de percepção (*ver, sentir, perceber, ouvir*) e causativos (*mandar, fazer, causar, deixar etc.*)

40 . a . Juan vió correr a Maria.

(João viu Maria correr.)

a'. Juan la vió correr.

(João Cl acusat. viu correr.)

(João a viu correr.)

Nessas orações, existe só uma posição possível: próclise ao verbo finito, já que o Cl não corresponde ao objeto do verbo

encaixado, não podendo, portanto, aparecer em ênclise do infinitivo .

Por sua vez, naquelas perífrases que constituem os chamados tempos compostos, formados pelo verbo *Haber* com participio, só há uma posição possível para o Cl: à esquerda do verbo auxiliar, ou seja, em próclise a ele.

41 . CL V AUX. V

como aparece nos exemplos em (42), a seguir :

- 42 . Ellos habían remodelado la casa.
 (Eles tinham reformado a casa.)
 a . Ellos **la** habían remodelado .
 (Eles a tinham reformado.)
 a' . * Ellos habían remodelá**la**.
 (Eles tinham reformado Cl acusat.)
- b . Él habrá oído los comentarios antes que nosotros.
 (Ele terá ouvido os comentários antes de nos.)
- b' . Él **los** habrá oído antes que nosotros.
 (Eles os terá ouvido antes de nos .)

2 . 6 . Clitics Clusters

Os Clitics Clusters (clíticos que aparecem juntos numa mesma oração) têm no ERP uma ordem estrita, embora não se disponha de uma explicação muito clara para ela.

Perlmutter (1991), citado por Sportiche (1992), descreve essa ordem dos clíticos indicando um tipo de filtro sintático ou modelo (template).

Esse “template” dá para o francês a seguinte ordem para a distribuição dos clíticos : (43)

43 . Modelo clítico francês

1° / 2° reflex me/te/se/nou	3 ° ACC predicativo le/la/les	3° DAT lui/ leur	Loc y	Gen en
-----------------------------------	-------------------------------------	---------------------	----------	-----------

Ordem dos clíticos.

GEN	LOC	3° DAT	3° ACC predicativo	1°/2° reflex.
-----	-----	--------	-----------------------	------------------

Observe-se adicionalmente que os Cls Dativos de 3ª pessoa (3ª coluna) não ocorrem com elementos da 1ª coluna.

Poderia ser postulado que todos esses clíticos pertencem a mesma projeção Clítica, segundo a proposta de Sportiche (1992). Visto que cada projeção licencia somente um Cl., a restrição continua. Essa proposta não diz se é possível combinar elementos da 1ª coluna com os elementos da 3ª coluna ou vice-versa. É escolhida a segunda possibilidade: a projeção clítica que contém DAT está mais alta que aquela que contém ACC de 3ª pessoa. Ou seja, a ordem da projeção clítica é a que aparece em (44) a seguir:

44 . GEN	LOC	3° DAT	3° ACC
		1° / 2° reflex	predicativo

onde o último lugar corresponde ao GEN , que está mais acima.

Seguindo o modelo “template”, numa língua como o ERP , que não tem clítico GEN nem LOC, a única ordem possível dos “clusters” é DAT / ACC. (45):

45 . DAT	ACC
me	me
te	te
le(se)	lo/la
nos	nos
os	os
les(se)	los/las

Segundo o modelo “template”, a seqüência DAT / ACC é representada pela 1^a / 2^a – 3^a pessoa ou 3^a – 3^a pessoa. Porém, os Cls DAT de 3^o pessoa não ocorrem com elementos clíticos ACC. Existe uma restrição: não é possível a seqüência das formas de 3^a – 1^a ou construções de 1^a e 2^a pessoas. Assim mostram os exemplos, a seguir, em (46).

- 45 . a . Juan entregó la carta a mí .
 (João entregou a carta para mim.)
Me la entregó.
 DAT ACC
 1^ap 3^ap
- b . Juan entregó a José a la policía.
 (João entregou José para a polícia.)
Se lo entregó. (Se é variante de le)
 DAT ACC
 3^ap 3^ap
- c * Juan entregó a mí a él .
 (João entregou a mim a ele.)
 * **Le me** entregó.
 DAT ACC
 3^ap 1^ap
- d * La noticia te me dió ayer.
 (A notícia te me deu ontem.)
 DAT ACC
 2^ap 1^ap

Se for usado **se** (dativo) na frente de ACC, se obterá a seqüência REFL / DAT, e não a seqüência DAT / ACC

- 47 . a . Ya **se me / te** entregó el dinero.
 REFL DAT
 (Já me /te foi entregue o dinheiro.)

b . Ya se **me / lo** dijo en otro momento.
REFL DAT
(Já me / lhe foi dito isso em outro momento.)

c . Ya se **te / lo** entregó ayer .
REFL DAT
(Já te / lhe entregou isso ontem .)

Com o Cl **le** a seqüência DAT ACC é agramatical (pois **le** é só Cl DAT)

48 . a . * **Le te** comparé lo antes posible .
b . * **Le me** buscó por todas partes.

Também o é a seqüência * **me te** se se pensa nos pronomes como sendo DAT /ACC. O que se obtém nessa ordem é REF / DAT (construção contendo o dativo chamado de “interesse”).

49 . **Te me** apareciste de sorpresa.
REFL DAT.
(Tu apareceste para mim de surpresa.)

4. CONCLUSÃO

No PB há uma assimetria entre os Cls no que diz respeito a sua frequência e a sua colocação.

De um lado, estão os Cls com rima [+ e] (**me, te, se, lhe(s) e nos**) e do outro lado, os Cls Acusativos de 3^o pessoa com rima [- e] formada por Cls sem onset (**o, a, os, as**) e com onset (**lo, la, los, las**). Os mais usados são os Cls [+ e] e os menos usados, os que pertencem à 3^o pessoa: os Cls [- e]; dentre estes últimos, preferem-se os Cls com onset (**la, lo, las, los**) às formas sem onset (**o, os, a, as**). O que favorece o uso dos Cls **lo, la, los, las** é a presença de um verbo no infinitivo.

Outra particularidade do PB é a impossibilidade de ocorrência de mais de um CI por sentença : o PB não admite “Clitics Clusters”

O PB não exhibe o fenômeno chamado de “Clitic climbing” (subida de Cls).

No PB os Cls concorrem com pronome tônico e objeto nulo; a primeira dessas propriedades abrange tanto os Cls [+ e] quanto os Cls [- e] : **Me** concorre com pronome tônico **eu**, mas não o faz com tanta naturalidade quanto o pronome **você** substitui o **te** e a expressão pronominal **a gente** substitui **nos**.

No que respeita ao CI [- e], ele concorre com o pronome tônico e com a categoria vazia.

No PB a próclise é generalizada com ou sem palavra atrativa.

O comportamento do CI é idêntico nas sentenças raízes e subordinadas. Em sentenças subordinadas, a próclise é generalizada seja usado nelas tanto o Modo Indicativo quanto o Modo Subjuntivo .

Há uma separação que coloca de um lado as sentenças com um só verbo e do outro à aquelas que têm dois ou mais verbos adjacentes.

Com um só verbo finito, o CI se coloca em próclise sendo ele tanto CI [+ e] quanto CI [- e] .

Em orações imperativas há uma colocação diferenciada em relação aos Cls [- e] e [+ e] : quando negativa, a posição do CI é de próclise com Cls [+ e] e [- e], quando afirmativa, se verifica uma diferença : o CI [- e] ocorre em posição pós-verbal enquanto que o CI [+ e] o faz em posição pré-verbal.

Já com verbos não-finito, a próclise não é tão generalizada.

Com um só verbo infinitivo, o Cl [+ e] se comporta diferentemente do Cl [- e] : o Cl [+ e] ocupa a posição pré-verbal enquanto o Cl [- e], a posição é pós-verbal .

Quando o verbo está na forma de gerúndio, esteja este iniciando a sentença ou não, o Cl [- e] aparece em posição pós-verbal e o Cl [+ e] ocupa a posição pré-verbal, como com a forma de infinitivo.

Se o que se tem são dois ou mais verbos adjacentes, há uma diferença notável no que respeita à colocação do Cl : é em próclise ao último verbo do conjunto(na forma de infinitivo, de gerúndio e ainda de participio) com Cl [+ e] (**me, te, se, lhe(s) e nos**) mas jamais o será com Cl do tipo [-e] .

Porém, se o Cl é do tipo [- e], ele não pode ocupar a posição de proclise ao verbo não -finito. Ele ocupará um lugar depós do último verbo infinito do conjunto, ou seja, ao lado do verbo infinitivo mais baixo, haja palavra atratora ou não. Assim, o Cl [- e] somente ocorre depois do verbo infinitivo mais baixo, com um onset superficializado, ou antes do verbo finito.

O Cl [- e] não se realiza em primeira posição. Só pode fazê-lo se antes dele aparece material fonológico de qualquer natureza. Já o Cl [+ e] ocorre naturalmente em posição inicial desobedecendo a Lei de Tobler- Mussafia.

Em orações com participio passivo, o Cl não é tolerado do lado do verbo. O lugar do Cl seria numa posição mais alta, junto do verbo auxiliar, à esquerda do verbo finito, nunca do lado do verbo não-finito.

Também no ERP os Cls apresentam peculiaridades próprias: têm a possibilidade de se apresentarem formando grupos numa oração (Clusters), podem formar parte do construções com redobramento de clíticos, têm a possibilidade de Clitic Climbing.

A generalização para o ERP indica que a próclise se manifesta com morfologia verbal finita enquanto que a ênclise o faz com a morfologia verbal não-finita, somente de gerúndio e infinitivo, ainda incluindo o caso do infinitivo composto.

Não existe diferença alguma entre os Cl [+ e] e [- e] para o ERP.

Nos tempos compostos (formados por AUX + participio), tomados como complexos verbais, a regra da próclise ao verbo finito é seguida. Em caso nenhum haverá ênclise ao participio.

A ênclise à forma com morfologia finita do verbo acontece tanto com orações raízes quanto com subordinadas.

No que respeita a Cls em orações imperativas, existe diferença entre a forma afirmativa e a forma negativa: enquanto a forma afirmativa exige ênclise, a forma negativa exhibe próclise, da mesma forma que em subordinadas no modo subjuntivo, modo usado para a realização do imperativo negativo.

Em orações com dois ou mais verbos adjacentes, sendo o primeiro deles finito e o segundo não-finito (na forma de infinitivo ou gerúndio), acontece tanto a próclise ao verbo finito quanto a ênclise ao verbo não-finito, facultativamente.

Em se tratando de construções com dois ou mais verbos não-finitos, nesse conjunto se produzirá a próclise ao verbo finito ou a ênclise ao último verbo não-finito .

Também em sentenças passivas sempre haverá próclise ao verbo finito.

A seguir, se apresenta em quadro comparativo a colocação dos Clíticos nas duas línguas românicas estudadas, objetivo deste trabalho.

PB	ERP
<p>Generalização: Próclise a verbos com morfologia finita e não-finita em orações principais e subordinadas, também imperativas, em sentenças com um só verbo ou com dois ou mais verbos adjacentes, com exceção nos Cl [- e] .</p>	<p>Generalização: Próclise ao verbo com morfologia finita em orações com um só verbo, em orações principais ou subordinadas. A ênclise fica restrita a orações imperativas afirmativas. Em orações com dois ou mais verbos adjacentes existe uso facultativo de ênclise ao verbo não-finito de gerúndio ou infinitivo e próclise ao verbo finito mais alto (Clitic Climbing). Nunca haverá próclise nem ênclise à forma não-finita de particípio.</p>
<p>Existe diferença entre Cl com rima [+ e] e Cl com rima [- e] no que respeita à colocação dos Cls .</p>	<p>Não existe relação alguma entre a classificação dos Cls em [+ e] e [- e] e a sua colocação na oração.</p>
<p>Os Cls [- e] formam onset com infinitivo.</p>	<p>Não existe onset.</p>
<p>Não existe possibilidade alguma de “Clitic Clusters” nem “Clitic Climbing”</p>	<p>“Clitic Climbing” e “Clitic Clusters” são comuns na língua.</p>
<p>Não há construções com redobramento de Cl.</p>	<p>Existem construções com redobramento de Clítico.</p>
<p>O uso de Cl na primeira posição não tem restrição.</p>	<p>Não é restrito o uso de Cl em primeira posição.</p>
<p>O comportamento do Cl é idêntico em orações raízes e subordinadas.</p>	<p>O comportamento do Cl é idêntico em orações raízes e subordinadas.</p>
<p>Há diferença no que respeita à colocação dos Cls [+ e] e [- e] em orações com um só verbo finito ou com dois ou mais verbos adjacentes : Com um só verbo finito há próclise com Cls [+ e] e [- e] tendo ou não palavra atratora.</p>	<p>Não existe diferença no que respeita à colocação do Cl (a divisão em Cl [- e] e Cl [+ e] não é válida para a língua) em orações com um só verbo finito : haverá próclise ao verbo finito. Não tem influência alguma as palavras chamadas de atradoras.</p>

<p>Em orações imperativas há colocação diferenciada em relação aos Cls com rima [+ e] e [- e] :</p> <ul style="list-style-type: none"> - quando negativas há próclise tanto com Cl [+ e] quanto com Cl [- e] . - quando afirmativas o Cl [- e] ocorre em posição enclítica e o Cl [+ e] o faz em posição proclítica. 	<p>Em orações imperativas há colocação diferenciada dependendo de elas serem afirmativas ou negativas (não influencia em nada o fato de o Cl ser [- e] ou [+ e] :</p> <ul style="list-style-type: none"> - quando negativas, obrigatoriamente haverá próclise ao verbo pois é o modo subjuntivo (que pede próclise) a forma verbal usada na sua construção. - quando afirmativa há ênclise ao verbo.
<p>Com verbos não-finitos (gerúndio e infinitivo) a classe do Cl determina a próclise ou ênclise : com Cl [+ e] há próclise, já com Cls [- e] existe ênclise.</p>	<p>Com verbo não-finito na forma de gerúndio e infinitivo, sempre haverá ênclise ao verbo.</p>
<p>Com verbos compostos (formados por aux + particípio) há próclise ao último verbo do conjunto.</p>	<p>Nas formas de verbos compostos (aux + particípio) sempre haverá próclise ao verbo finito.</p>
<p>Existendo três ou mais verbos adjacentes, o Cl se situará na próclise ao último verbo del conjunto .</p>	<p>Existendo três verbos adjacentes, a regra de próclise/ ênclise continua igual: é facultativo o uso de Cl em próclise ao verbo finito ou em ênclise ao último verbo infinito do conjunto.</p>
<p>Em orações com particípio passivo, os Cls se situarão em próclise ao verbo finito do conjunto .</p>	<p>Em orações com particípio passivo, os Cls se situarão em próclise ao verbo finito do conjunto.</p>

BIBLIOGRAFIA

- BELLETTI, A. (1995) “*Italian / Romances Clitics : Structure and Derivation*”.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- _____ (1993) “A Minimalist Program for Linguistic Theory”. In: *Occasional Papers in Linguistic 1*, MITWPL.
- GROPPI, MIRTA. (1997) *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai* . Tese de Doutorado, USP. São Paulo.
- HAEGEMAN, L. (1992) *Introduction to Government e Binding Theory*. Editora Blackwell.Oxford e Cambridge. Usa.
- KATO, MARY, CYRINO, SÔNIA, RECHE CORREA, VILMA. (1995) “*The Recovery of Diachomic Losses throught Schooling*”. Paper apresentado na NWAWE V. PENN.
- LOPES, RUTH, MIOTO, CARLOS, SILVA, MARIA CRISTINA. Apostila do Curso de Gramática Gerativa.
- MÚGICA, NORA, SOLANA, ZULEMA. (1989) *La gramática Modular*. Editora Hachette. S. A Argentina.
- RIZZI, L. (1993) “*Some Notes on Romance Cliticization*”, ms. Univerité de Genève.
- SCHMITT, CRISTINA. (1994) “*Accusative Clitic Doubling, Participial Absolutes, Have + Agreement Participles*” University of Maryland Working Papers in *Linguistic 2*.
- SILVEIRA, GESSILENE. (1997) *O Comportamento Sintático dos Clíticos no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- SPORTICHE, D. (1992) “*Clitics Constructions*”, UCLA.

URIAGEREKA, J. (1995) "Aspect of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance ". in *Linguistic Inquiry*, 26, 1, p. 79-123.